

# BRASIL-PORTUGAL

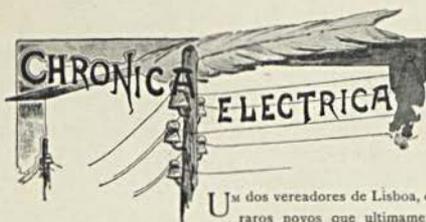
16 DE AGOSTO DE 1900

N.º 38



*S. M. a Rainha D. Maria Pia*

VIUVA DE EL-REI D. LUIZ DE PORTUGAL E IRMÃ DO REI HUMBERTO, DE ITALIA



Um dos vereadores de Lisboa, dos raros novos que ultimamente entraram para a administração da municipalidade — e digo raros novos, porque em geral os vereadores entre nós são inamovíveis, e resistem ao tempo e á chuva, aos ministerios e aos codigos administrativos, com uma perseverança inquebrantavel — teve uma idéa tambem nova e que não deixa igualmente de ser rara, porque não é muito vulgar haver idéas de portas a dentro do município e especialmente idéas novas.

Mas é, como lhes ia dizendo, uma idéa novinha em folha para a capital que a recebeu quieta e verdade, como é de uso entre pessoas de certa idade, mas com visivel apreço, porque emfim não ha ninguem, seja antigo ou moço, contemporaneo do actor Silva Pereira ou alumnio do lyceu, que não goste de se divertir ao menos uma vez no anno. E francamente em Lisboa, em plena cidade, apesar de capital, não era isso das cousas mais facéis d'este mundo, sobretudo para os que não foram escollidos pelo Deus Milhão.

Todos os povos devem ter annualmente uma grande festa. Esta opinião que não pretende ser tomada como Axioma, nem como Maxima — siquer... dos Santos, — funda-se não direi em bons auctores mas em boas razões, solidas, logicas, irrespondíveis até.

Os povos precisam de andar sempre contentes e alegres, ter distrações, e ao mesmo tempo bom ar — tal qual como as creanças e ainda pela mesma razão — para não fazerem maldades. Mandam os paes os filhinhos brincar para os jardins publicos, com que fim? Para respirarem ar mais puro e não escangalharem em casa as cadeiras. Pois o mesmo succede aos governos com os povos: governos, que não tratam de arranjar diversões para os seus administrados, são governos pouco á altura da sua missão social e arriscam-se a que os administrados busquem então distrações na Politica que é o peor brinquedo que se conhece, hoje em dia, para os povos.

Povo trabalhador mas bem remunerado, possuindo no seu guia arredores pittorescos onde descansar aos domingos, á sombra das arvores, passeios onde alongar a vista avida de horizontes novos, tendo marcados no seu calendario duas ou tres datas felizes, datas de mão cheia, de festa rija, não se mette em politica, não pensa n'ella porque nem tem tempo nem pachorra. Quando não trabalha, dorme; quando não dorme passeia sem preocupações de espirito, n'um bem estar relativo de quem não tem grandes ambições mas que tem o seu peculiarinho para se divertir.

A seu lado, ponham o povo abalado por violentas sensações, provocadas quasi sempre pelas classes dirigentes, deem-lhe para ouvir ler — porque em geral não sabe ler — diatribes horribes n'um estylo jornalístico digno de mercado de hortaliça, um trabalho mal remunerado, um casebre onde a Miséria e a Porcaria parece terem feito quartel, não o entretenham siquer com a expectativa de uma grande festa gratuita, onde elle possa ver cousas novas, e digam-lhe depois quando elle fizer alguma maldade: — Então, menino que é isso? — que elle responderá talvez: — Isto é a Miséria, é o descontentamento, é a indignação contra os que me exploram ha muito, sem me darem em compensação, ao menos... um bilhete para o theatro.

E tem razão.

O povo portuguez entra n'esta ultima cathogoria, e tanto mais injustamente quanto os governos não precisavam pensar muito, para lhes arranjar distrações.

— O povo tambem precisa ser divertido, dizia uma vez e com basta

razão, um espirito illustre, escriptor brilhante, que fazia então parte do ministerio, sobretudo... para se não divertir com a politica.

Na historia tão movimentada e tão gloriosa do nosso paiz, quantas datas merecedoras de um anniversario, quantos feitos dignos de uma ruidosa recordação! Sem recuarmos muito, temos logo á porta da nossa memoria, essa transformação brilhante do nosso ser social, operada pela grande ala de intellectuaes que com a ponta das suas espadas implantou a Liberdade, e o brilho da sua penna fundou uma litteratura. E um pouco atraz, esse periodo aureo da administração pombalina que foi um assombro de saber e de dignidade patriótica; e depois, o altivo sacudir do jugo castelhano e essa serie de feitos navaes que foram o espanto do mundo inteiro, e que deram á civilização novos mundos até ali desconhecidos... E para que mais? Não bastam já?

Em tempo, festejou-se durante alguns annos a entrada do exercito libertador em Lisboa, mas os governos foram-se desinteressando da celebração, á roda d'ella começou-se a fazer politica, e acabou-se tudo. Os partidos do governo não a repetiram com medo dos republicanos, estes não inventaram outra com medo da guarda municipal, e, n'esta atmosphera de receio politico se tem vivido, sem festa annual, até agora em que, como contei no principio d'este artigo, um vereador novo se lembrou de propôr uma grande feira, creio, intitulada — *A festa da cidade!*

Já não é mau, mas eu queria mais — queria a festa do paiz. Preferiria a recordação de uma data qualquer memoravel da nossa historia, que tantas encerra, e então ahí mettida, dentro d'essa celebração, a tal feira, bem pensada e bem organizada, sob o ponto de vista artistico. Para Maio parece ella estar marcada. Pois bem, inaugurem a em Maio, que é o mez das rosas, mas a proposito d'esse grande mercado commercial, aproveitando a animação, a concorrência, a alegria que elle deve trazer necessariamente á vida de Lisboa, vamos um pouquinho mais adiante e celebremos uma grande festa nacional e se não quiserem ir arranca-la á historia politica do paiz, temol-a aqui na estante de cada um de nós, na mesa de todos os que pensam e leem, n'esse poema que é toda uma nacionalidade, nos *Luziadas*. Festejemos o anniversario do centenario do grande portuguez, todos os dias 10 de junho, recordemos n'essa festa a celebração mais extraordinaria que houve em Portugal, e vamos ensinando, por entre bombas e foguetes, vivas e hymnos, ao povo de hoje, como se ensinou ao povo de ha vinte annos, quem foi esse Portuguez, cuja estatua foi offuscada pela fortuna commercial de um kiosque de limonadas, porque atravessando a Praça de Luiz de Camões, pode haver quem não repare no Monumento, mas o que não passa com certeza despercebido é o Capitão.

Brasil-Portugal.

## Conde de Paço d'Arcos



Vice-almirante, recentemente nomeado Major general da armada portugueza.

Official distincto, antigo governador do ultramar e antigo ministro da Portugal no Brazil

# Humberto de Saboia

(Esboço crítico)

**N**ESTE rei, que uma estúpida bala prostrou subitamente no mysterio e na mudez da morte, havia tres entidades que applaudir e que admirar: o rei, o homem e o soldado. Mas, destas tres tão distinctas entidades, creio, em tal rei, o rei a que menos era, ainda assim, para admiração e applauso. Esta asserção terá, á primeira vista, para quem levemente a considere, o que quer que é de singular. E' porém da mais facil e prompta explicação. Fel-o homem de coração, fel-o soldado de bravura e estudo a natureza e a educação: a



**Humberto I, Rei de Italia**

(Nasceu em Roma a 14 de março de 1844—Assassinado em Monza a 29 de julho de 1900)

natureza por essa mysteriosa transmissão de dotes n'um *quid*, que ainda não existe, senão virtualmente, no germen de que provimos e que é, sem embargo, tão seguro, tão fiel transmissor de más e boas prendas — de más principalmente; a educação, cujo poder incontestavel no que intende com o mundo moral, que tão pouco conhecemos quanto certos estamos d'elle, e no que importa a predicados physicos, é solemne e picturadamente confirmado n'um ríflão sabido. Rei, fel-o simplesmente, para me servir d'uma dicção commum, o Acaso, termo com que nosso espirito cuida occultar as ignorancias de que enferma, fundido no direito de primogenitura e no affectuoso assentimento dos que teve de reger no solio.

Não me enleva de feito e por extremo a indole politica, aliás correcta e constante, deste rei. Parece-me constitucional em demasia. Outros o applaudirão por isso. Já o tem applaudido e longamente. Louvaram-o, ainda recentemente, os seus ministros. E com razão, esses. Elles é que governavam. Humberto só reinava. Um seu quasi panegyrista escreveu: «Successivamente Depretis, Cairoli, Robilant, Crispi, di Radini presidiram o seu conselho e todos encontraram nelle um soberano estrictamente constitucional.» Que especie de louvor encerram taes palavras, todos sabem, todos o presentem, quando menos.

A sua acção politica resume-se pois n'uma palavra unica — abstenção. As consequencias dessa abstenção, duramente se

podem reputar sempre proficuas. A questão mais embaraçosa para o novo reino, que, no seu proprio interesse e para bem de todos, teria de ser, o melhor e o mais breve possível, resolvida, está tão vizinha de solução como quando o rei a recebeu das mãos de seu pae que a recebera um dia das da revolução triumphante. Vinte e dois longos annos não a aproximaram nem uma linha de seu termo. Porque? Porque o rei entendeu confiar a seus ministros a solução do problema difficilissimo. E o problema era daquelles que nem o zelo, nem a boa vontade, nem a intelligencia de ministros, por mais habeis que de feito sejam, consegue resolver. Não seriam de mais as finas mãos d'um rei. Bastariam, quando muito.

Noutra questão de não somenos gravidade a sua abstenção não teria sido por certo de proveito summo. Nem para Elle, nem para ninguem. Para Elle principalmente. Os ministros immediatos ao rei e os agentes mais ou menos immediatos aos ministros procederam na conjunctura grave como delles requeria a experiencia e um zelo esclarecido e sincero. A directa intervenção do rei que seria de certo regulada pelos impulsos de seu coração generoso haveria porem mitigado, com vantagem para todos, severidades que foram indispensaveis. Não se teriam exacerbado animos, não se teriam irritado corações. Oh! as theorias!

Mas quer a razão que se pergunte: Derivava no rei a ostentada abstenção d'uma disposição natural de seu espirito? Resultava d'uma suggestão recebida de sua educação politica? Não procederia da noção que tinha do modo de sentir do maior numero dos politicos de sua patria pouco propensos, como os da nossa, a aceitarem de bom grado quanto não fosse a absoluta abstenção da corôa? Tal propensão tem, no animo dos estadistas continentaes, a pertinacia do escalracho a rir, impertinentemente vividouro, da relha do arado embora jungido a bois possantes e de paciencia dura quanto a cerviz callosa do apertar teimoso dos canzís. E' cedo de mais para dar resposta exacta a taes perguntas. Entretanto é justiça reconhecer que muito ha para sinceros gabos na attitude assim assumida por este rei nimamente constitucional, demais segundo a formula corrente, perante os ministros que a supposta ou real vontade da nação successivamente lhe foi dando, durante vinte e dois annos de politica tantas vezes embrulhada e aspera: a sua escrupulosa, a sua inalteravel fidelidade á noção, boa ou má, que assim tinha de qual era o seu dever de rei. Erraria muita vez: não mentiu nunca á sua consciencia, ou a si. O dever, como o entendeu, cumpriu-o, sem pôr nesse cumprimento emphase, ou preoccupação que não fosse a do applauso de sua consciencia satisfeita.

Pretende-se que, a exemplo de seu pae, era Elle quem mais directamente intervinha nos negocios externos da nação, que por suas regias mãos passavam, embora sumidos aos olhos dos simples mortaes, os enredados fios dessa enredada cousa que se diz diplomacia. E' possível. Sendo assim, podem considerar-se como os principaes resultados de sua directa acção a Triplice Alliança e a politica colonial em tardos dias iniciada pela Italia com bons auspicios, mas rapidamente terminada, pela vontade indomita da nação mais do que por instante impulso de seu rei, em razão do desastre famoso de Assuah, ao qual se persiste, não talvez sem motivo, em não ter por estranha a constellação que usa no ceu politico o titulo de Triplice. A's pessoas que não são de todo hospedes neste assumpto não será por extremo difficil apurar por que extranhos atalhos se creó e diz exorçada a nefasta influencia.

Assim, o sonho generoso d'um imperio colonial dissipou-se logo. Outro tanto porem não succedeu á famosa constellação a que alludi, e que continua brilhando no azul, nem sempre puro, nem sempre sem nuvens, do ceu politico. Ha quem a supponha creação do rei finado. Não o creio. Mais me parece feita do grande homem que a morte arrebatou ha pouco á buliçosa quietação de Willemsheohe. O merecimento, e não pequeno, de Humberto consistiu em se lhe conservar fiel atravez de todos os perigos e sem embargo de tantas suggestões contrarias, e por ultimo o talvez ainda maior de a reduzir ao que ella tem de ser para ser abono fiel da paz da Europa e não perigo serio por parecer ameaça a vizinha melindrosa e forte.

Por grandes que sejam todavia os merecimentos, e estamos longe de os suppor exiguos, sob este aspecto do finado rei, não é delles que lhe hão de provir principalmente as sempre-verdes palmas que uma figura de rhetorica pretende distribuidas no Templo da Memoria — o menos erido e o menos acreditado

aliás de todos os templos conhecidos. Nelle o soldado e o homem de coração sobrelevavam largamente ao rei. Soldado bravo e denodado mais do que os que mais podem gloriar-se de bravura e de denodo, homem, na acção mais bella e alta da palavra, é que elle, mais que todo, foi.

É uma bella, campeadora e nobre casta esta casta de Saboia. Tão bella e nobre, que se pode, sendo portuguez, sentir orgulho e jubilo que della viesse a primeira dama que se sentou em trono portuguez — D. Mafalda, filha de Amadeu conde de Moriana — que nas veias de seus membros corra, desde menos remotos dias, lídimo sangue portuguez. A simples frequencia nelles do nome de Manuel dá claro testemunho deste facto. Era Manuel — ninguém o esqueceu — o nome do rei venturoso, cuja filha se foi sentar no trono principesco de Saboia e Piemonte, deixando, por signal, na patria, quer uma lenda gentil — assim ella fosse verdadeira — em lucto e dor o coração d'um poeta, cujas immortalaes «Saudaes» choram ainda e sempre chorarão no mais doce livro das letras portuguezas. A obra nobremente encetada por tal sangue, perfla a educação do moço principe. Seu pae, batalhador e fragueiro, não o quiz para as letras, nem para as artes nesta terra d'Italia tantas vezes immortal por ellas. Para as armas o quiz só. Deu-lhe assim por aio e



Em 1868

principal preceptor o general José Rossi. Desde 1855, anno do passamento de sua mãe, a austriaca archiduquesa Maria Adelaide Ranieri, tão deslebrada em vida e tão digna de o não ser nunca, viveu o futuro rei e seu irmão, Amadeu, o nobilissimo e valorosissimo Amadeu, quasi só com esse rijo militar. Não se creia que jámais menosprezasse as artes, as sciencias e seus cultores o claro espirito do Principe. Não. Presou-os sempre, a umas e outros, muito. Pelo vivo affecto que lhe mostra o grande velho que se chama Verdi se pode medir a intensidade da estima com que o rei honrava o summo artista. Presava-os porem com a razão e o espirito, e não, ou menos, pelo instincto e sentimento. Podia acricial-os, distinguil-os, festejal-os — era rei. Não os sentia. Napoleão disse algures: «Aprecio mais que ninguem os serviços reaes que prestam ao Estado as artes e as sciencias» (Carta ao Directorio de 4 Brumaire, anno V — 25 de outubro de 1796); e de Corneille e da tragedia no «Mémoires»: «A tragedia exalta a alma e eleva o coração, pode e deve crear heroes.» — Se elle (Corneille) visse, fal o-hia Principe Humberto subscreveria sem hesitar estas palavras. Quanto a sciencias, sem fallarmos nas que prendem directamente á guerra e que sempre cultivou com esmero, só tratou, por singular pendor, a do braço, sciencia só grata a eruditos, como seguro auxiliar d'investigações historicas, e aos homens d'ontem, aos *reecemvidos*, que n'ella esquadrinham os paquifes e timbres, os metaes e cores que não tem.

Soldado pois de acção e estudo — o exercito era o cuidado principal do rei — de acção principalmente, em quanto o ponde ser. A imperturbabilidade que tinha ante o perigo era absolutamente indomita. Ficou memoravel a sua attitude na campanha de 1859, ao lado de seu pae, quando apenas contava quinze annos mal contados, e ainda mais por certo em 1866, em Custoza, ante o imminente perigo de que o salvou a milagrosa intervenção do general Nino Bixio. Antes do attentado que lhe trouxe a morte, foi frustrado alvo de dous outros. Os de Passanante e d'Acciarito. Em taes crises, como acontece a todo homem torreja ou não em trono dourado pelo poder e defendido por milhares de bayonetas que podem tanto e nada ás vezes podem, é que mais e melhor revelou essa rara prenda. Foi elle quem primeiro conteve a Passanante, quando este baixo moço de cosinha em 17 de novembro de 1878, em Napoles, ao querer ferir o rei varou com o seu punhal a coxa de Benedetto Cairoli, o presidente do conselho, que, na carruagem regia no momento do attentado, generosamente se interpoz á furia do regicida. Quando, em mais recente, mas por igual frustrada tentativa, pretendeu Acciarito, em 22 de abril de 1897, nas Capannelle, em Roma, assassinar o rei, este, sorrindo tranquillamente, para as pessoas que, ao exercerem o attentado, se congratulavam de seu providencial mallogro, advertiu com uma fina pontinha d'ironia: *Questi son gli incerti del mestiere* (são estes os percalços do officio). Mas não houve apenas em Hum-



1875

berto a serenidade indefectivel, a indifferença activa que ri do maior e no maior perigo, e que foi, ergando pela temeridade d'um lado e do outro roçando pela negligencia, disfarçada em fatalismo, cumplice innocente e sympathico de sua morte. «*Se é destino ch'io deva morire come Alessandro II, dizia com frequencia, ch'importano le precauzioni?*» Por isso, nem escoltas, nem carabineiros. Na sua alma não tinha cabida o medo, nem a desconfiança da *famiglia italiana* — assim chamava na intimidade ao povo — tão favorecida de seu vivo affecto. No feito de armas de Villa Franca (24 de junho de 1865), certa manobra, habilmente concebida e rapidamente executada sob o seu mando immediato, — a formação em quadrado da divisão que dirigia — mostra bem que não era para elle, para seu valor singular, a guerra simples occasião de façanhas, mero campo de denodo. E' que a finura, a sagacidade, a presteza de espirito em conceber e resolver caracterisam tambem a sua raça. Assim, o que Humberto recebeu do sangue e casta de que proveio, recebeu o bem, bem o teve e revelou quando cumpriu. Honra e applauso a seu nome!

Mas este bravo, este destemido não era menos do que soldado um homem bom. Sobre ter caracter e vontade, no que entendia revelava, tinha coração. Era meigo com ser forte; piedoso com ser rigido. Nunca uma queixa se elevou para elle que a não ouvisse. Nunca viu brotar uma lagrima que não tentasse enxugar. O compassivo principe cahiu ha pouco fulminado por um assassino que debalde tentará esconder sob inexplicavel desforço a fealdade de seu crime. E o homem que em 1878 attentou contra a vida do rei, conserva a sua, que então lhe podia ser legalmente arrancada no patibulo. Os que de mais perto o conheceram, o que n'este caso importa o mesmo que dizer os que mais vivamente o amaram, são concordes em ver na bondade uma feição tão caracteristica quanto o denodo de sua privilegiada indole, em assignalar o delicioso contraste que formava a brandura, a meiguice de seu genio com a rigida frieza de seu porte, com a quasi rispidez de sua marcial figura impertigada e quasi dura. Dir-se-lha que recatava, por certo pejo natural aos bons, as para assim dizer finimas qualidades da sua alma varonil da indifferença alheia, do contacto, do exame nem sempre benevolo dos outros.



1878

As inundações do Adige em Verona, as ruínas do terremoto em Casamicola, o magnifico hospital de Monza, d'aquella Monza onde tinha de deixar a vida ás mãos d'um assassino, a colera de Busca e Napoles de 1884, as palavras que então dirigiu a seu ministro Depretis que o convidava para as solemnidades de Pordenone: «*Pordenone si fa festa, a Napoli si muore, vado a Napole*, dão bom testemunho da justiça com que foi ainda em vida, cognominado *il Re pietoso, il Re consolator*.

Agora que tal rei cahiu para não mais se erguer, em todo o mundo se ergueram vozes a celebrarem o homem de grande coração, o soldado de bravura extrema. Que muito! Mas nenhuma igualou, nem igualará jamais na sobriedade augusta, na simplicidade do sentir fundo, na exacção perfeita do dizer a de outro soldado e rei e a da *povera donna*, como a casternada senhora a si propria se denominou na desolação da sua dor de nova Rachel que não quer ter consolos. Que melhores julgadores de Humberto? Guilherme II disse á misera senhora em tom que não consente duvidas: «De bondade, de bravura, de fidelidade sem limites, o Rei cahiu como o soldado na refrega, victima de diabolicos tentames que as humanas e as divinas leis procuram destruir. — Deus vos console em vossa dor sem nome; e rebustega o braço a vossos filho para que possa suster a espada e o sceptro em proveito de seu povo, gloria e prosperidade da Italia». Nobres e santas palavras, que podem dar consolo, se ha palavras de homem que possam consolar tal dor! Que melhor apreciadora do coração d'Humberto que o devoto coração da mulher que elle mais amou que mais o amou a elle? *Eri così buono*; — soluçou a pobre senhora, apertando convulsiva as mãos geladas ante o rei pela primeira vez indifferente e mudo á sua voz e lagrimas *non hai mai fatto ad alcuno e ti hanno ucciso!* Essas palavras, com as da sua *pregheira* e as da carta a Monsenhor Baronecchi, e essas lagrimas que se esvaem d'um coração



1896



**Rainha Margarida, de Italia**

Viuva do Rei Humberto I com quem casou em 21 de abril de 1888

que a dor quebrou, são o maior elogio que pode ouvir-se; es cusam, emudecem, annullam qualquer outro.

Tem razão o imperador. Humberto morreu como devia morrer: na refrega. Morreu, cumprindo o seu dever, para bem de sua grande patria. A morte que lhe deram deu vida á realza, á dynastia, á patria que tanto amava. Por esse grande preço estou certo de que a não recusaria, se pudesse. Esperaria resignado, como a recebeu sereno, a bala que houvesse de o prostrar distante dos que mais queria, supplicando talvez que ella o ferisse onde o feriu, no que n'elle havia de mais sensível nobre e bom, o coração.

Qualifiquei d'estúpida a balla que matou em Monza o rei. Não o fiz para escrever um epitheto banalmente justo e, quanto justo, vão. Também não, para maior castigo da mão ingrata que perpez o crime. Para castigo d'ella basta a hediondez da acção que perpetrou, e a pena que lhe infligirá a sociedade na sua justiça indignada. O epitheto usado é viva expressão de verdade incontrastavel. O regicidio é, enquanto crime politico, o insensatissimo dos crimes. Não se hesitará, creio, em taxar d'insensato todo o acto que merece o fim que se propõe, a intenção que o gera. Um assassino simples pode ser infame, ignobil, repulsivo, odioso — é-o sempre — e não ser estúpido. O agente condemnavel atingiu o alvo que mirava. Com o regicidio não succede assim. O alvo, consummado o crime, fica intacto. A victima que attingida sucumbe é o involuero externo do fim a que foi posta a mira; não é o proprio fim.



**Gaetano Bresci**

(O assassino do Rei Humberto)

Ella cae. A instituição que ella representa e que se pretende destruir, destruindo-a, fica de pé e intacta. Não ha exemplo de uma monarchia extincta por um punhal, morta ás mãos d'um regicida. Esta regra geral affirma-se e confirma-se na hypothese de que trato. Os senadores e deputados do Parlamento italiano que, na sua primeira sessão depois do regicidio, clamaram de pé e unisonos: O rei não morre! A monarchia hade subsistir! Viva a monarchia! Viva o rei! affirmavam com o mais seguro instincto uma verdade geral. Mas ao mesmo tempo, e é o que mais importa n'este momento, uma verdade particular. A realza não morrerá na Italia ás mãos que impiamente desfecharam o revolver amaldiçoado de Monza. Sem o crime que já converteu uma proclamação desaffecteda em calorosos protestos de adhesão, sem o crime que emudeceu por generosidade, por prudencia, por fraqueza os adversarios das instituições, exaltou e poz de pé, alerta e em armas, os amigos e sequazes devotados d'ellas, com a morte natural do rei hoje prostrado por um crime, o trono em que se senta o novo rei fóra talvez uma duvida. Não teria este a seu lado um Principe Frederico para, na varanda do Paço, ante a multidão agitada e immensa, levantar nos rijos braços, estreitar contra os seus labios de soldado victorioso, de futuro cesar justamente querido, o pequenino herdeiro — não teria principalmente e ainda mal esse herdeiro pequenino. Assim, o trono é uma certeza. Sangue de pae criminosamente



**O Principe Duque de Aosta**

Actual herdeiro da coroa d'Italia, filho de Amadeu de Saboya e primo de Victor Manuel III



Prisão do assassino

vertido nos degraus d'um trono não escorra nunca sob os pés do filho que o não verteu. Nunca. O trono de Victor Manoel III está pois seguro. Prende-se rijamente ao chão da patria pelo sangue d'um rei e as balas d'um assassino. Tem cimento duro e perduravel. Não cairá.

**José de Sousa Monteiro.**

# Os novos soberanos da Italia



Rainha Helena

Casou em 1896 com o actual rei de Italia. E' a terceira filha do principe reinante de Montenegro Nicolau 1.º Nasceu a 28 de janeiro de 1873. Tem portanto 27 annos. Tem uma predilecção especial pelo desenho e pela pintura.



Rei Victor Manoel III

FILHO unico do rei Humberto, o principe de Napoles nasceu n'esta cidade a 11 de novembro de 1869. Ainda não tem portanto 31 annos. Occupava no exercito o posto de tenente-general. E' um delicado e um nervoso. Illustrado no estudo das sciencias, conhece a fundo muitas linguas, especialmente o francez, o allemão e o inglez que falla a primor.

## A colonia italiana em Lisboa

Na egreja do Loreto a colonia italiana que em Lisboa é numerosa, fez celebrar por alma do seu malogrado soberano exequias solennes. Não faltou imponencia a essa cerimonia que reuniu ali todo o mundo official, desde os representantes do Chefe do Estado e de S. M. a Rainha, até ao corpo diplomatico, desde os ministros effectivos até um grande numero de damas da aristocracia. O estafageo era soberbo; a egreja estava luxuosamente ornamentada, tendo cada convidado o seu logar reservado por ordem hierarchica.

No final da cerimonia — para a qual veiu expressamente de Elvas fazer a guarda de honra uma força do regimento de Lanceiros I, de Victor Manoel, cujo commando honorario portueza ao rei assassinado, — a colonia italiana por intermedio do seu ministro, enviou ao novo soberano um affectuoso telegramma a um tempo de sentimento e de adhesão.



Fachada da Egreja do Loreto em Lisboa no dia das exequias por alma do rei Humberto



Fiqueto de Lanceiros que fez a guarda de honra à Egreja do Loreto (Lisbão), no dia das exequias



# O Schah da Persia

Põe-se dizer que a Persia está, neste momento, *sur la sellette*, isto é, chama as atenções geraes. Quando o seu monarcha esperava atravessar a França indolentemente reclinado nos almadaques fôtos do wagon e cruzar Paris mollemente repolteado nos coxins setinos do *landau*, eis que o revolver de um doido ou de um fanático toma por alvo o Rei dos Reis. Ha mezes, era o prin-



cipe de Galles — um sybarita com tara de bohemio — alvejado por uma bala; ainda ha poucos dias desfechava se sobre o rei Humberto, que expirava estupidamente deante do cano da arma regicida, elle! que em Custozza affrontara sem deslize as cargas dos austriacos, e sustentara garhadamente as nobilissimas tradições da casa de Saboya, elle! que era tão digno de morrer socgado n'algum d'esses vales de egloga virgiliana, na paz luminosa de alguma d'essas cidades toscanas que sonham mysticamente ao pé das suas brancas bazilicas, n'alguma d'essas ilhas semeadas em leque á entrada do golpo guardado pelo Vesuvio rosnador, ou no delicioso litoral filigranado da península Itálica, onde o mar glauco tem brilhantismos de esmeralda e a aura tepida conversa de amor com os laranjas floridos, onde o céo latino é uma opala clara, e onde, do Lido a Otranto e de Genova a Reggio, a cada murmuro da vaga responde um echo da historia . . .

O principe de Galles recommenda-se pela sua alta prospacia de tyrannico dictador do *Smart*, de soberano effectivo da Moda, de herdeiro dos segredos de Brummel; notabilisa-se pelos seus latos em tecido *home spun*, pelo seu oitão — reflexos collocado no eixo de distincção exigido, pelo não irreprehensivel da sua gravata, pela risca nítida do pen-teado em dois lobulos, pelos seus amores cosmopolitas, pelos seus mysteriosos festins Eleusinos em que o Champagne e o *sherry cobbler* rebrilham atravez da musselina das taças, por dissipar o dinheiro nas borrascas da prodigalidade, por fixar a jurisprudencia do bom tom com a infallibilidade de um Papa. Mas o filho do rei *galant'uomo* recommendava-se pela sua coragem provada nas refregas, pelo seu juizo prudencial, pelo seu tacto diplomatico, por só prestar ouvidos ao mudo oraculo do Dever, pelos dotes de um coração em que o oiro puro dos sentimentos jámais se ligou ao chumbo vil do odio ou da vingança.

A Persia, o Hérat, o Afghanistan e o Belutchistan, occupam o vasto *plateau* do Iran. A primeira demora na parte occidental d'este trecho do mundo. Seu commercio de exportação consiste no seguinte: vinhos tintos e brancos de Schiraz, o *henné* — que serve para dar aos cabellos femininos o loiro paradoxal das deusas gregas e das corteizas venezianas —, o algodão, as sedas — muitas das quaes são vendidas na feira russa de Nijni-Novgorod —, a galha, o grão amarelo dos tintureiros, o *tombéki*, um tabaco destinado ao *marghib*, a assa — fetida, cujo cheiro repugnante é a delicia dos orientaes, os chales de pelo de cabra, os tapetes de Korman, a agua de rosas, os liciores, as passas, as pelles de carneiro e os estofos adamacados. Tauris é o mais notavel centro commercial com a Inglaterra e a França por Erzeroum e Trebizonda, com a Russia por Tiflis, e com a India. Bouschir, porto sobre o golpo Persico, é o entreposto do commercio persa com Arabia, Batavia e Bombaim.

O actual Schah, Mozaffer-ed-Dine, quinto rei da dynastia dos Hadjars, succedeu a seu pae em 1896. O titulo real de *Schah in Schah* significa Rei dos Reis, porque a Persia era outr'ora retalhada em reinos minusculos. Este imperante tem um espirito culto, indulgente, accessivel a todas as elegancias intellectuaes, facil em romper contra os preconceitos atavicos, aberto a todas as idéas de progresso, mas sem ser um refinado que uma plethora de civilisação enervasse. É apaixonado pela photographia, pelas diversas applicações da electricidade e pela arte venatoria, em que se revela um *shooter* conspicuo, um atirador habil como um boer.

A sumptuosidade asiatica dos seus trajos é de molde a produzir embolias nos abstinistas do *boulevard* e uma embriaguez palin-genesica nas nymphas das Acacias. Nas grandes ceremonias usa uma tunica magnifica, illuminada pelas fulminantes claridades das pedras preciosas, pelos clarões phosphoricos dos brilhantes, e um sabre e um boldriê cobertos de esmeraldas sombrias como folhas estivaes, de rubis cor de sangue venoso, de diamantes frigidicos como reflexos da neve, pedrarias magicas que fazem sonhar jardins encantados, minaretes phantasticos, versos vaporosos como os do *Schah Nameh* de Firdousi, sons de guzlas que parecem espalhar o ideal no ambiente — toda a poesia orientalista dos poemas de Victor Hugo e dos quadros de Decamps.

O cráneo do despota orna-se com um bonnet de astrakan, tendo um enorme diamante picando um bellicosso penacho branco, que não se confundiria, de certo, com o de Henrique IV ou com o de Murat.

As crystallisações omnicolors do potentado exotico devem, necessariamente, excitar a bulimia do cocodettismo *três en rue à Cythere*, porque, nas mulheres, o amor das joias é uma noção barbara, cujas arestas vivas tem resistido ao esmeril das civilisações. L'endemos a crer que o grande armorial cythereano, no intuito de fazer derivar o Pactolo para o seu cofre, *fez c'eroo ao rei*. E o Schah, que tem os instinctos polygamicos no sangue, terá accitado a companhia risonha de algumas coroas fechadas da aristocracia das impuras. E tudo terá corrido pelo melhor no melhor dos *demi-mondes* possiveis . . .

As sacerdotisas do Galanteio, as formosas tripulantes da galera de Lutecia, fizeram-lhe talvez olvidar o harem, onde as odaliscas formam uma corbélia anaerocentica. Bellas, heraldicas, aristocraticas, os cabellos magestosamente incendiados, o paratizo e o inferno dos olhos, poderão agora fazer scintillar ao sol do Bosque, novas preciosidades, devidas á munificencia do Schah, um pseudonymo da Fortuna: collares que são o complemento do seu esplendor pagão, granadas que são gottas sanguineas, saphiras de um azul ardosa, graves e enzymaticas como pupillas negras, amethystas prelicias, turquezas pallidas que lembram pricezas flavas e longuissas — todas as joias de duros raios, proprias para queimarem o pudor das *virgens* . . .

PINTO DE CARVALHO (Tinop).



O Schah, á sahida do Elyseu



*O Shah da Persia passeando na Exposição de Paris, em auto-movel*



MANOEL COTTA

Nascido em Penafiel —  $\frac{1}{7}$  no Rio de Janeiro em julho de 1900



DUQUE DE SAXE-COBURG-GOTHA

Nascido a 6 de agosto de 1844 —  $\frac{1}{7}$  30 de julho de 1900

**M**ANOEL COTTA, portuguez de nascimento, brasileiro de coração, era coronel da guarda nacional do Brasil. Jornalista distinto, foi um dos fundadores do *Paiz*, do Rio de Janeiro, a que dedicou todo o seu trabalho. E n'esse posto morreu. De piquete ao jornal em uma madrugada de Julho, verificou até a ultima prova de pagina. Dispunha-se a descansar, quando de repente se sentiu afflicto, tendo apenas tempo de tocar a campainha. Quando lhe acudiram, era cadaver.

Manoel Cotta deixa viva saudade entre todos os seus companheiros, pela vivacidade do seu espirito e valor do seu merecimento.

**O** PRINCEPE Alfredo Ernesto Alberto era o segundo filho da Rainha de Inglaterra. Cursou as universidades de Bonn e Edimburgo. Regeitou em 1862 a corôa da Grecia, e era um marinheiro distincto, tendo por varias vezes commandado navios de guerra da Grã Bretanha.

Deixa um filho unico o Duque de Asghite, de 14 annos, tuberculoso e condemnado pelos medicos. Por isso tem de se eleger agora um regente e tratar-se do futuro successor.

Para essa successão tem-se indigitado mais nomes e entre elles o do sr. Infante D. Alfonso, de Portugal, como representante de seu avô o rei D. Fernando.

# Expansão russa na Ásia

**C**HINA, Índia e Persia — grandioso sonho até para um czar — tem sido na Ásia e de longa data os objectivos do governo moscovita.

A vertigem de grandeza n'algumas famílias primaciaes, procurando em remotissimo passado fabulosa origem, e dos grandes conquistadores na sua politica pessoal, está-se manifestando na politica nacional de varias nações modernas. Revelou-se, como nunca, em dois povos, doidos de gloria, émulos nos commettimentos e o papa ao lançar a influencia de cada um d'elles no respectivo prato da balança, deu a esta por fiel nada menos que um meridiano.

Não admira, pois, que a Russia se tenha expandido tanto e pretenda dilatar-se ainda mais, levada pela tradição de um passado cheio de ensinamentos que ficaram; pela situação territorial em que se vê, enclausurada no velho continente, quasi sequestrada do mar — a estrada das nações —; pelas excellentes qualidades de um povo vigoroso, mais apto que nenhum para assimilar os outros habitantes da Ásia.

Contra a corrente da tradição conquistadora não ha diques que se lhe levantem, já Napoleão dizia que a Europa ou havia de ser latina, ou cossaca, antes de ter visto os seus sonhos dissiparem-se como fumo pelo tremendo aliado da Russia — o inverno.

Muito se tem fallado e ainda ha quem pretenda vêr como a principal móla impulsiva o celebre testamento de Pedro, o Grande, comparado por Voltaire a Alexandre, do mesmo cognome. Bem notavel é, porém, que o illustre czar tivesse morrido sem testamento, mas o homem que se deu aos rudes trabalhos marítimos para possuir esquadras, alistou e instruiu soldados para crear exercitos, não podia ter deixado de desembainhar a espada para conquistar estados e bem vale por um verdadeiro testamento a tradição que de si deixou.

Antes d'elle, no tempo em que a nação andava mal governada, teve esta de se haver com suecos, tartaros e polacos; no seu reinado avança pela Siberia, pactua a China, são vencidos suecos e turcos, contidas em respeito todas as nações até a propria Inglaterra apesar do seu poderio marítimo e as armas russas entram vencedoras na Persia.

Quiz a sorte que por entre os despojos do inimigo, na sua presa de guerra, tivesse encontrado a que lhe foi companheira inseparavel e lhe valeu n'uma tremenda conjunctura, a grande Catharina, coroada e sagrada em Moscow como czarina de todas as Russias, a qual soube manter correspondencia com philosophos da envergadura de Voltaire, Rousseau e Diderot.

Successora de tão pesada coroa habilmente proseguiu no mesmo empenho e não só não deixou esfacelar o colosso moscovita, mas fê-lo engrandecer em territorios e consideração.

E de então até hoje a mesma linha inflexivel de governo foi mantida sempre, quando cá por fóra em tão dilatado periodo se tem erguido e desmoronado imperios e instituições.

Pelo que respeita á situação geographica basta attentar no espaço occupado pela Russia e no que a cerca para pensarmos na necessidade fatal e imperiosa de expansão que se lhe impõe.

Para florescerem commercio e industria, crear grandes emporios onde reine um movimento febril e levar a vida ao coração das stepes, requerem-se arterias de comunicação, como inglezes e yankees souberam abrir na Africa do Sul e na America, ou os francezes na Argelia, Tunisia, Senegal e Indo-China.

As vias de transporte não terminam, porém, em sitio algum, chegadas a um porto, são continuadas pelos mares, que todas as rédes ligam constituindo uma unica, como as arterias, veias e vasos capillares do corpo humano formando um só systema.

A leste: Vladivostock, Porto-Arthur encravado no littoral da China, muito distantes, exigios recursos para um amplo desenvolvimento commercial. A oeste: o Baltico, nem sempre livre, mau para a paz e para a guerra, de que a Allemanha ainda bem se não poud libertar com o seu canal. A sul: o mar Negro, recordando as duras imposições recebidas pela guerra da Criméa e o Bosphoro as columnas de Hercules. (\*)

Toda a costa norte, apesar da sua consideravel extensão, apertada pelos géios e muitissimo longe dos grandes centros recebeu da natureza um interdito, que só soube vencer Nordenskjold, o arrojado sueco.

Na passagem de nordeste, para todo o sempre memoravel, viu elle muitas vezes a morte pairando nas cristas geladas de fantasticas cordilheiras moveiças e nas desoladoras solidões dos *ice bergs*, ora esclarecidas pelos frouxos lampejos de um sol poente ou pelo brilho das auroras, ora mergulhadas nas profundas trevas das noites polares. Guiado pela sua imaginação a uma noite mais cerrada, ainda, a dos tempos, poud extasiar-se ante uma necropole de faunas extinctas, contemplando as ondas do mar a quebrarem se de encontro a montanhas de marfim.

Quando, concluida a travessia, o seu navio aparezava, salvando á bandeira desfaldada, entrou nas aguas do Pacifico, a geographia moderna circumdou com fulgentissima auréola o nome de Nordenskjold.

Vem longe o tempo, em que a Russia soberana ha de por intervenção de alterosas esquadras impôr a sua vontade ainda nos mais remotos confins da terra; até lá muitos imperadores hão-de ser coroados no Kremlin, em quanto não rair esse dia sonha e continua a sonhar com o mar livre, como o escravo com a alforria, ou o captivo com a redempção.

Para se avaliar summariamente a força expansiva bastará a eloquencia d'estes algarismos: em 1722 contava 14 milhões de habitantes aquella nação, em 1815 já possuia 45 e n'um crescendo consideravel passou a 85 em 1871, ultrapassando hoje o numero de 100.

De grande poder prolifico a população, descobrindo em cada conquista novas aptidões do solo e creando novas industrias, precisa para bem empregar os impulsos da seiva exuberantissima, que lhe vae no seio, de fazer sentir a sua actividade até nos mais longinquos mercados.

A par dos vinhedos do Caucaso, aurora de uma industria exotica, tão bem acimada que é já uma ridente promessa; da sericicultura que se vae desenvolvendo na Asia Central, ha a notar o incremento fabuloso da cultura do algodão n'estas regiões. Se á cifra já consideravel da exportação nas actuaes e más circumstancias juntarmos a que das industrias novas ha-de provir, poderemos julgar do que será quando houver uma longa e desafogada costa com bons portos.

O poder assimilador d'esse povo, em que o tartaro vê o seu proprio sangue — um dos factores mais energicos do engrandecimento do imperio — é bem conhecido.

Em Heri-Rud, na fronteira asiatica, como coronel de um regimento russo, cargo de alta confiança, foi collocado o proprio chefe inimigo, que em Geok-Tépé se bateu á testa dos turcomanos.

O vencido, livre do tyrannico jugo dos antigos oppressores e de onerosos impostos, protegido contra as tentativas de rapina dos povos limítrophes, abnegação o vencedor que sabe combater como verdadeiro oriental.

Na região, em que demora a cidade *santa* de Tamerlan, é perfeitamente correcto que o conquistador leve tudo a ferro e fogo, é a lei da guerra, mas, concluida que esta seja, deve ser um amigo e não o que os inglezes com toda a sobranceira do seu orgulho de raça tem sido na India. O indigena perdôa a morte recebida pelos seus de armas na mão em campo de batalha tanto, como odia em tempo de paz a pena de morte applicada systematicamente a cada passo.

Seja aqui mencionada, de passagem, esta distincção profunda entre o systema inglez e o russo.

Por isso quando a Russia fizer soar o seu clarim guerreiro no planalto do Fimir pouco terá a perder em qualquer derrota e não se sabe o que os inglezes hão de ganhar n'uma victoria.

Ninguém ignora que se a sorte das armas fór adversa aos ultimos o seu imperio indiano cairá em derrocado logo aos primeiros revezes, até a propria população mussulmana, elemento importante, que lhes era favoravel, volveu as sympathias em odios depois da occupação egypcia.

Da accidentada historia da expansão russa, cujos quadros se tem desenrolado no vasto theatro da Asia, do que n'ella fizeram os instrumentos diplomaticos em concerto com o ferro do soldado e a ferramenta do constructôr, não será talvez ocioso o fallar n'outro lugar.

Ensejo se offerece para reconhecermos mais uma vez, se o direito internacional é realmente a aliança de penna de Machiavel com a espada de Mahomet.

(\*) Compreendendo-se bem que a Russia se tivesse opposto tenazmente a que a Coréa cahisse em poder do Japão, depois da recente victoria d'esta, porque não queria outro Bosphoro.

## Amor de Mãe

**E'** o título da última publicação do Sr. Julio de Castilho, em um volume de 291 paginas em 4.º

Com mais este primor de litteratura contemporanea veiu o Sr. Julio de Castilho realçar o brilho do seu nome, illustre por mais de um título.

Ha dramas na vida intima das familias, em que a lucta de interesses, de premissas e de sentimentos encaminha gradualmente o enredo para um desenlace fatal, que se fóra previsto a tempo, teria sido conjurado por aquelles mesmos que mais se obstinavam em contrariar a ordem natural dos acontecimentos.

E' um d'esses dramas, que o author estereotypa magistralmente no seu livro—*Amor de Mãe*.

Eis o entreocho:

Em uma familia nobre do antigo regimen, posto que a sua estirpe fosse intrinsecamente na villania d'um rustico moleiro da Paia, havia um rapaz bisonho, João de Souza, que fóro educado modestamente por sua extremosa mãe, D. Maria do Rozario, em um circulo limitado de antigas relações de familia. Moravam em um palacete do Bairro Alto, mas a morte do marido e os embaraços financeiros do seu casal, obrigaram D. Maria do Rozario a transferir a sua residencia para uma quinta que possuia no sitio da Paia, suburbios de Lisboa. Foi alli que João de Souza se enamorou locamente de uma gentil saloia, de familia pobre, mas honrada, a qual correspondeu espontaneamente ao affecção do seu galanteador, com a ingenha candura d'uma alma bem formada. D. Maria do Rozario, percebendo a inclinação do filho, a quem tinha em vista casar com uma dama d'alta linhagem, que o estremecia, inventou um pretexto qualquer para o afastar do sitio onde a sua prosapia corria imminente perigo, entregando-o aos cuidados d'um velho amigo da familia, o conego Mattos, residente em Lisboa; mas João de Souza, vendo-se de subito em um meio deslumbrante, muito differente d'aquelle em que tinha aprendido as normas d'uma boa educação, e transviado por alguns dos conselhos d'um amigo adventicio, esqueceu depressa a mãe e as suas precarias circumstancias, para se entregar ás vicissitudes de uma vida libertina.

O jogo, a ociosidade e vicios concomitantes avassallaram-lhe os bons instinctos com que nascera, e o moço inexperiente estava prestes a despenhar-se no abismo da degradação, quando lhe acudiu o amor maternal. Ao conego Mattos falleciam já as forças para o fazer voltar ao bom caminho e D. Maria do Rozario, sendo por elle informada das loucuras do filho, foi o recolher, com affagos e palavras suavisas, como se nada soubesse, á Quinta da Paia, que ficava proxima d'um casal dos Pombaes, onde Beatriz, victima d'um cruel desengano, jazia estiolada como uma flor campestre, e já sem esperanças de vida. João de Souza, informado de quanto se passara durante a sua ausencia, aproveitou o primeiro enseja para se dirigir ao casal dos Pombaes, onde vivia a sua amada, e, encontrando-se ali com ella quasi moribunda, exacerbou-se-lhe a paixão, que por algum tempo tinha parecido suffocada, e no paroxismo d'uma dor immensa, jurou-lhe os mais vibrantes protestos d'amor. Este lance inesperado produziu na infeliz creatura uma violenta commoção nervosa, e que pouco faltou para a fazer succumbir. Reanimando-se, passado algum tempo, repetiu-lhe João de Souza o seu juramento, prometendo-lhe a mão de esposo.

Inimava-se com maior vehemencia a paixão reciproca entre ambos, quando surge subitamente a mãe de Beatriz, que voltava dos trabalhos do campo, e, vendo a attitude supplicante do moço, que ella suppunha pretender seduzir-lhe a filha, rompe em imprecações e injurias contra o atrevido, que tentava levar-lhe a deshonra e a ignominia a sua casa. Retirou-se João de Souza, vexado pela acrimonia do insulto, e foi confessar a sua culpa á mãe que o idolatrava, sendo immediatamente seguido pela mãe de Beatriz, que debulhada em lagrimas pranteava o desacato. D. Maria do Rozario depois de ponderar os inconvenientes d'uma união tão desigual, mostra-se afinal rendida pela paixão irresistivel do filho, e consente no casamento. Mas já era tarde. Aquella existencia estava prestes a naufragar, batendo contra o escolho dos prejuizos sociais. No mesmo dia em que a prosapia d'uma familia nobre baixava ao nivel da plebe vil, subia a alma de Beatriz á mansão dos bemaaventurados—Morreu d'amor.

São estes os lineamentos do drama, a que o author deu a fórma de romance. O enredo não é emmaranhado dos phantasticos arabescos que são o grande recurso do romancista, que pretende entreter a imaginação do leitor, sem utilidade alguma para os costumes. Entretanto, encontram-se nos accessorios e incidentes copiosas informações sobre o modo de ser social de ha quarenta

annos, sobre a pragmatica observada nas relações entre as familias nobres, tolerancia politica entre os partidarios do antigo e novo regimen, costumes, estylos, ideias, aspirações e esperanças d'aquella epocha.

As descrições e os dialogos são d'uma belleza encantadora; os lances mais angustiosos são repassados d'uma gravidade tão affectiva, que fazem vibrar a corda do sentimento, e chegam a commover aquelles mesmos que, á força de desenganos, olham para as cousas d'este mundo com a maior das indifferenças.

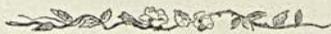
Na pintura dos costumes retratam-se, com fino criterio, as tendencias que já se manifestavam contra os principios da antiga autoridade portugueza.

O methodo, porque tambem o ha no romance, como em todas as produções do espirito humano, parece filiar-se na escola de Julio Diniz, pela ordem systematica na deducção dos acontecimentos, que não se separam, com episodios intercalares, por meio de periodos de longa duração.

A fórma é correcta, propria e elegante, e não era de esperar outra cousa de quem recebeu as lições do mestre, em primeira mão. No estylo ha a pureza, rythmo e sobriedade que distinguem os escriptores da raça d'aquelles que fazem consistir o merito litterario nas phosphorescencias d'uma dicção salpicada de lantejoulas e *recoco*, como se fóra um verdadeiro florilegio de conceitos sublimes e imagens deslumbrantes.

Parabens ao Sr. Julio de Castilho pelo seu esplendido trabalho, e esperamos com ansiedade o segundo livro, que nos prometteu.

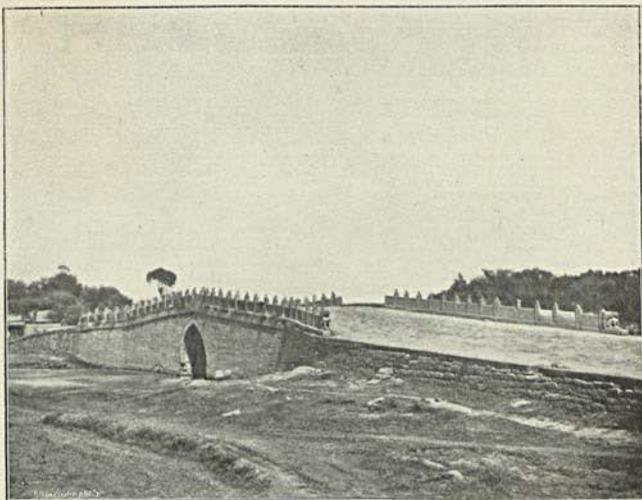
J. J. da Silva.



## CHINA

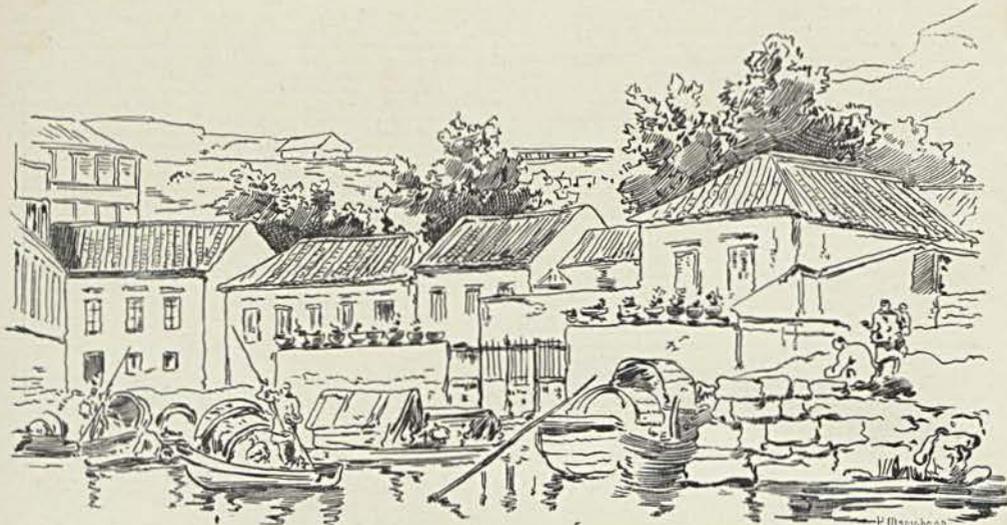
**Q**UEM de Tung-chô se dirige a Pekim encontra a 12 kilometros d'esta cidade, a povoação e a celebre ponte de Palikao, em cujas proximidades se feriu, em 21 de setembro de 1860, a celebre batalha entre as diminutas forças anglo-francezas, commandadas por Cousin Montauban, e o general tartaro San Kolinsin á frente de milhares de cavalleiros e infantes chinezes e tartaros. A força europeia foi quasi rodeada pelo exercito chinez formado em meia lua; mas sahiu victoriosa depois de cinco horas de combate.

Os tartaros deixaram no campo mais de cem canhões. Mas esses eram de ferro e não de madeira; mas de nada lhes serviram, porque não sabiam servir-se d'elles.



PONTE DE PALIKAO

# COSTUMES CHINEZES



Margem do porto interior de Macau, entre a barra e a Praia Monduco (em 1833)



Um tancar



Outro tancar



Artífices chins trabalhando ao ar livre



Lanča para tancar pequeno



Tancareiras, tripulantes do barco tancar (sul da China)

(Ilustrações de Schuirey (americano))

# Galeria brasileira

# A BAHIA

I

## Conselheiro Luiz Martins do Amaral

**A**O INICIARMOS esta secção na nossa Revista justo é que comecemos por um dos vultos mais proeminentes, honrados e sympathicos das finanças brasileiras.

O conselheiro Luiz Martins do Amaral, actual presidente do Banco da Republica do Brasil, é natural do Rio de Janeiro e nasceu em 12 de Janeiro de 1842. Filho de João Martins do Amaral, portuguez e antigo capitão das Indias, herdou de



Conselheiro Luiz Martins do Amaral

seu pae os sentimentos de honra que os homens d'aquelle tempo sabiam legar.

O conselheiro Amaral é o exemplo mais frisante de quanto pode a vontade e o amor ao trabalho.

Fez-se por si o de simples empregado do Banco Rural e Hypothecario, onde exerceu cargos subalternos até ao de chefe da contabilidade,

passou como secretario para a administração do antigo Banco do Brasil, a convite do conselheiro Diogo Duarte Silva.

De tal modo desempenhou as funções inherentes do seu novo cargo n'este Banco que em 1890 foi d'elle eleito director.

Sendo a nota mais predominante do seu caracter a intranquencia com tudo quanto se oppõe aos seus habitos e modo de pensar e nunca solicitando posições, quando se deu a fusão do antigo Banco do Brasil com o dos Estados Unidos, recusou, com o maior desprendimento e energia a prestação dos seus serviços ao novo Banco, embora eleito director por grande numero de votos e só tres annos depois, muito instado pelos accionistas e alto commercio do Rio de Janeiro voltou á administração do Banco.

Posteriormente, e quando o dr. Campos Salles assumiu a presidencia da Republica, foi nomeado presidente do Banco, cargo em que ainda se conserva por o haver confirmado a eleição unanime dos accionistas, que tem n'elle um dos elementos mais fortes do credito do paiz e um dos mais correctos e desinteressados auxiliares do commercio honesto do Rio de Janeiro.

Particularmente e na vida intima o conselheiro Amaral, de genio affavel e dedicado em extremo, é exemplar chefe de familia e verdadeiro amigo dos seus amigos.

Não lhe conhecemos inimigos.

*No goso que manifestas,  
O formosa capital,  
Em tuas pomposas festas  
A memoria de Cabral,  
Brilha o santo entusiasmo  
Que supplantando o marasmo  
As almas enche de luz!  
A estremecer de alegria,  
Es grande sempre, ó BAHIA!  
O terra de VERA-CRUZ!*

*Nas ruas ornamentadas  
Passam tropas marciaes,  
E as notas ao ar vibradas  
São como hymnos triumphaes!  
Desfraldas, envolta em gloria,  
O teu pendão de victoria  
Na marcha dos batalhões!  
Princeza! Deste teu solio  
Tu sobes ao Capitolio,  
Ao restrugir de orações!*

*Saúdo o teu Centenario  
Com a mais viva emoção!  
Seja o teu itinerario  
A nossa Patria um bração!  
Pelos loiros alcançados  
Em tantos prelios travados  
— Gladio em punho — a combater;  
Pela forte persistencia  
Na guerra da independencia,  
Em que soubestes vencer;*

*Por tua gloria presente,  
Por teus laureis no porvir,  
Salvé, ó povo, descendente  
Dos heróes do progredir!  
Progenie de tantos bravos  
Que a partir grilhões d'escravos  
Com patriotismo febril,  
Respendem cheios de orgulho  
Na COLUMNA 2 DE JULHO,  
Que condecora o Brasil!*

*Enlaça na tua historia  
Mais este bello florão,  
— Honrando lusa memoria  
Nas aras da gratidão!  
Tu que marchas entre salrés,  
Mãe dirina de Castro Alves,  
— O teu cantar sem rival —  
Fulgurarás mais brilhante  
Glorificando o Almirante,  
Erguendo estatua a Cabral!*

*Salvé, ó terra esplendorosa  
Que recbeste a sorrir  
A armada victoriosa  
Que te viu descobrir!  
Exhibindo os teus thesoiros,  
Marcha, coberta de loiros,  
Conquistando os teus ideaes!  
Tu alma é a Patria inteira! ...  
Salvé, Athenas brasileira!  
Ninho de aguias immortaes!*



# O GEREZ

Estas obras mandou fazer El-Rei Nosso Senhor D. João V, á custa dos povos, sendo superintendente d'ellas o Dr. Gaspar Pimenta de Avellar provedor da camara de Guimarães e para se fazer concorreu com muito zelo o Dr. Francisco Pereira da Cruz deputado do Santo Officio desembargador da Casa da Suplicação de Lisboa. Abril 11 de MDCCXXXV.



Hotel do Parque

O GEREZ é como todos sabem uma estação de Thermas, e talvez a mais antiga de Portugal.

Não se pode calcular bem desde quando essas aguas são procuradas pelos doentes que n'ellas encontram para certos males, um alivio seguro, mas é certo que vae para mais de dois seculos, que ellas são conhecidas, e que levas annuaes de enfermos se expõem com plena confiança, aos terveys incommodos d'uma penosa



Aspecto do Gerez

Estas duas inscripções mostram bem claramente como vem de longe a excellente reputação d'estas aguas, e o distincto medico o sr. dr. Ricardo Jorge publicou em 1891 uma guia thermal, que avigora a esperanza dos doentes sobre a sua acção hydromedical.

Os tempos de hoje são bem diferentes dos tempos antigos, e os incommodos de então desapareceram, fazendo-se hoje uma viagem rapida, com a certeza de que se encontra bons hotéis, aguas



Caminho do Poço Verde

viagem por serranias a prumo, se sujeitam ainda ao quasi immundo tratamento, feito n'uma poça commum e á bebida d'uma agua pouco limpa, recolhendo a penates com a alegria dos sãos e a fé benefica dos que acreditam em milagres.

A clientella do Gerez que a principio se limitou aos povos das circumvizinhanças, estendeu-se depois muito, devido aos beneficios que se apregoaram, e assim pouco a pouco, se foram apresen-



Outro Aspecto

limpidas e cristalinas, passeios agradaveis pelas serranias e pelo valle, damas formosas com sorrisos... gerezianos, e uma praga de meninas que tocam piano e que namoram fazendo com que os casados passem a soffrer do mal incuravel da conjugalite chronica.

Do mal o menos.

Antes um mau casamento que uma dor no figado. As gravuras que acompanham este pequeno artigo mostram quanto é pittoresco aquelle recanto do norte do nosso paiz, e as commodidades que hoje se gosam com os melhoramentos realisados nos ultimos tres ou quatro annos.

Entre elles figura o estabelecimento balnear, uma fonte na rua Direita e o Hotel do Parque, construido modernamente, e que é considerado no numero dos melhores e mais bem dirigidos.

H. DE M.



Fonte na rua Direita

tando protectores que tambem pouco a pouco foram reformando o primitivo estado de coisas, desde D. João de Sousa governador d'armas na cidade do Porto até á empresa que actualmente tem a seu cargo o aproveitamento d'aquellas aguas.

## Algrí surgunt sani

E' esta a inscripção latina, que se encontra no frontal d'um dos velhos cubiculos, e cuja traducção é:

*Os doentes saem sãos*

E n'uma lapide commemorativa que vem do anno de 1735, lê-se tambem:



Estabelecimento balnear

# O casamento do rei da Servia



ALEXANDRE  
Rei da Servia



DRAGA MASCHIN  
Rainha da Servia

**E** COMMOVIDA e singular a historia dos amores do rei da Servia. Entre as luctas de paixão, que o joven monarcha houve de sustentar, não foram pequenos os embaraços em que o enredaram as intrigas palacianas, os interesses vinculaes e as peripécias da machina politica do seu estado.

Mas sobre todos os obives soube galgar o coração do enamorado principe que mostrou ser mais poeta do que homem e muito mais amante do que rei.

O trecho dessa paixão viril, que se resolveu a contento do povo, tem uma significação especial por ser uma revolta sincera contra os preconceitos.

Um rei, que derrue bravamente taes empecilhos é, ou um grande espirito, ou um bello philosopho que põe de lado todas as impugnações positivas do seculo.

Porque só um amor eloquente e poderoso, um desses grandes amores da mocidade consegue, a despeito de tudo, vencer tantos lances e crises, sabendo-se victoriosos.

A corte, a familia do monarcha oppunham-se systematicamente a essa união. O rei Alexandre, logo que expende os seus intuitos, vê, por um lado, o descontentamento de seu pae, o ex rei Milan e de sua mãe, a ex-rainha Nathalia, e, por outro, o ministerio demissionando-se, quando se reconheceu impotente para vencer a vontade inabalavel do soberano.

Assiste o rei á crise politica manifestamente hostil aos seus amores e, apesar disso, não desanima, teima, impõe-se e consegue, finalmente, após innumerables contrariedades, ligar-se pelos laços do casamento aquella que tinha escolhido para companheira de seus dias.

Em quaesquer outras circumstancias, em que um grande amor não entrasse, como impulsiva causa, o espirito do rei, por muito resolutu que fosse, teria decerto vacillado ante os caprichos do destino, ao sentir sobre os hombros essas responsabilidades que não são communs a todos os mortaes, — responsabilidades de uma ligação imposta pelas conveniencias.

Mas o coração não costuma ver com lunetas escuras, quando se enlanguesc e enebria de sentimentos verdadeiros. O coração é esse eterno bem ou esse grande mal que nos não deixa ver nunca aquillo que os indifferentes e os egoistas talham para o amor, tentando subordinal-o, como se fosse possivel legalisar um sentimento que não tem amo, nem servo, que é livre e se pertence a si proprio!

E d'ahi a historia entendida deste rei poeta e sentimental que não quiz ouvir os comentarios constitucionales dos seus ministros, nem os conselhos paternaes, porque tinha certamente cheios — a alma e o coração — da musica ineffavel dos labios da viuvinha.

O introito amoroso conta já cinco annos.

Foi em Biarritz que o rei da Servia encontrou a feiticeira creatura por quem se apaixonou cegamente.

O enamorado principe fôra em 1895 visitar sua augusta mãe aquella praia. A ex-rainha Nathalia tinha, nessa occasião, ao serviço, na qualidade de dama de honor, uma formosa viuva de um engenheiro de minas, a qual se chamava Draga Maschin.

Conta-se que a formosura e a intelligencia desta senhora captivaram a rainha Nathalia. Não é pois motivo para grande espanto, se ella prendeu o filho que era um homem de coração inexperiente, muito embora esse coração se abrigasse no peito de um rei.

O que naturalmente é para admirar é que se dêem estas aventuras romanescas num seculo, como o nosso, egoista e rotineiro e que essas intrigas se passem em palacios reais.

Depois desse encontro em Biarritz, de que resultou a grande

paixão do rei Alexandre, os acontecimentos politicos precipitaram-se, pondo o monarcha embaraçado em face das intrigas da corte, cercado por todos os lados de contrariedades, restando-lhe, como ultimo recurso, o seu povo, onde, afinal, encontrou o apoio de que tanto carecia.

E, então, que o rei Alexandre advoga com todo o calor a sua causa, fallando com a eloquencia dos enamorados, com essa persistencia dos convictos e atrelados a uma crença tal como é a do amor numa creatura de vinte e sete annos e que ama pela primeira vez na sua vida!

Deste modo, e com esta solicitude da alma, elle vence todos os argumentos implacaveis, porque o seu amor é forte, porque a sua paixão é insubmissa.

O facto de um rei se apaixonar por uma dama burgueza, fôra de sangue real, comquanto não seja um caso novo, nem uno, espanta sempre a rotina dessas ligações incoloras de ordinario armadas no ar pela politica e interesses, e vasias de toda a especie de sentimento, qualidades desnecessarias — em principes que hajam de governar!

Um rei é, afinal, uma creatura mais infeliz, nesse sentido, do que o mais infimo dos seus famulos.

Mas não está averiguado, mercê do entretcho amoroso do rei da Servia e de tantos outros exemplos confessados pela historia, que os principes se furtem ás contingencias lyricas do coração!

Porque o amor é, na verdade, um grande e poderoso estímulo de vida. A elle nos agarramos todos nos extremos mais singulares da existencia, porque nelle encontramos, ou queremos encontrar, o poiso de muita ventura incerta que os nossos corações têm sonhado tanta vez de cór...

E a mocidade do principe fôra uma mocidade sem ventura e sem a despreocupação infantil e descuidosa das creanças.

Bem cedo o moço principe conheceu as amarguras da vida e soube o que eram pesares.

Porisso, o seu coração se habituara á necessidade do amor e da idealidade, se certo foi, que os lindos olhos de Draga Maschin o convidaram, pela primeira vez, a enternecidos enlevos da alma.

Porque é forçoso confessar que a formosa senhora, apesar de viuva e de contar mais dois lustros que o seu regno novo, possuia todos esses encantos de mulher que sabe fazer-se amar por um rei.

O desabrochar dessa paixão trouxera de começo um tom azulado, levemente cêr de rosa, mas não tardou que a sepia viesse salpicar o delicioso sonho do rei.

Mal foi conhecida esta inclinação, madame Draga Maschin é obrigada a deixar a corte da ex-rainha Nathalia.

Tenta afastar-se, mas o rei redobra de solicitude e de fervor amoroso e o phrenesi parece augmentar mais á proporção que as contrariedades crescem até que o desfecho se resolve pelo casamento que ha dias se celebrou em Belgrado.

Os esponsaes tiveram um grande acolhimento na alma popular que parecia tomar parte activa na felicidade do seu rei.

A cidade de Belgrado resplandecou de galas festivas e regorgitava de povo que a ella accorreu cheio de enthusiasmo, procurando nesse acontecimento a expansão da sua alegria.

As ruas encheram-se de lindos e magestosos arcos de triumpho, sob os quaes deviam passar os regios nubentes. As principaes arterias, com especialidade Serazia, na parte que defronta o palacio e a cathedral, estavam verdadeiramente atapetadas de flores. Por toda a parte a verdura e a folhagem a embelezar os mastros com ariflammas tricolores, dos quaes pendiam, tambem, os escudos dos Obrenovitch.

A cidade tomou outro aspecto. Os trajes nacionaes, que são verdadeiramente pittorescos, punham uma nota festiva nesse quadro vivo da animação geral. Os homens vestiam uns casacos e umas calças largas de um tecido escuro e as mulheres enfeitavam-se com um duplo avental de cores brilhantes e bizarras.

Esse povo, entregando-se desse modo aos folguedos, participava da felicidade do seu rei, acclamando-o sempre que elle apparecia, trazendo ao seu lado a nova e encantadora rainha.

Assim parece ter terminada a historia dos amores do actual rei da Servia. Oxalá este casamento assegure ao joven monarcha a felicidade e que no goso da ventura possa dar ao seu povo um reinado feliz e livre de preoccupações.

O nosso journal reproduz os retratos do rei Alexandre e da nova rainha, cuja belleza os nossos leitores não terão duvida em constatar!

Por ella se vê facilmente que a formosa burgueza é digna de se assentar num throno e de ser rainha dos nossos corações...

# BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão  
 Texto e capa: Companhia Nacional Editora  
 Largo do Code Barão, 50  
 Páginas suplementares: Oll. Estevão Nunes & F.ª  
 Rua d'Assumpção, 18 a 21  
 Romance: Typographia Castanheiro  
 Calçada de S. Francisco, 13

Directores  
 Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares  
 Editor  
 Luiz Antonio Sanchez  
 Redacção e administração—Rua Ivens, 51  
 LISBOA  
 Endereço telegraphico—BRATUGAL

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL		ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	1\$000	Anno.....	6\$000	Anno.....	8\$000
Numero avulso: (moeda brasileira.....)	25\$00	6 meses.....	3\$500	6 meses.....	4\$500
		3 meses.....	2\$000	Numero avulso.....	5\$000
		Numero avulso.....	\$350		

## SUMMARY

P. M. a Rainha D. Maria Pia.  
 Chronica electrica. «Brasil-Portugal».  
 Conde de Paço d'Arcos.  
 O rei Humberto (boço historico)—Jose de Sousa Mello.  
 Os Novos soberanos de Italia.  
 O shah da Persia.  
 Manuel Cotta.  
 Duque de Saxe Coburgotha.  
 Expansão russa na Asia.—Martesca Ferrer.  
 A morte de São—J. de Silva.  
 China.—Pontes de Palácio.—Costumes chinezes.—Illustrações de Schinerer (americano).  
 Galeria brasileira.—I.—Conselheiro Luiz Martins do Amaral.  
 A Bahia (poesia).—Damasceno Vieira.  
 O Geres.—H. de M.  
 O casamento do rei da Servia.

### Páginas suplementares

Aos srs. assignantes.  
 Almanach do «Brasil-Portugal» para 1901.  
 Atingença de Figueiro—Gertrudo Lobato.  
 Anecdota.  
 Tsaromachia—E. d. A.  
 Cartas da Quinquena.

38 ILLUSTRAÇÕES

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

### No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO.—Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodorico Pupo da Moura e José Martins Polito, Rua da Alameda, 4. sobrado.  
 PERNAMBUCO.—A. Leopoldo da Silveira.  
 PARA.—J. B. dos Santos & C.ª (Livrar.ª Classica)—Rua João Alfredo, 39.  
 MANAOS—Lino Aguiar & C.ª  
 MARANHÃO—Leoncio J. de Medeiros & C.ª  
 CEARA.—Balles Torres & C.ª  
 BAHIA—José Luiz da Fonseca Magalhães (Livrar.ª Magalhães)—Rua Theodorico do Palácio, 28.  
 PELOTAS—Carlos Pinto & C.ª (Livrar.ª Americana).

PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.ª (Livrar.ª Americana).

RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.ª (Livrar.ª Americana); Rua Marechal Floriano, 100.

### Em Africa

BOLAMA (Guiné)—Cesar A. Gouveia da Silva Romem, Theouretto geral da Provincia.

MOSSAMEDES—José Karis Pereira, escrivão e tabelião.

QUELLIMANE—Henrique Lima.

BENGUELLA (Egypto)—Matheus & Tavares.

### No Continente

PORTO.—(Agente geral no Porto e no norte.) Antonio Couto Fernandes, Rua do Almada, 431, 1.ª.

EVORA.—(Agente geral em Evora e no Sul, Luta Freitas Correia, director da fiscalizacao dos tabacos.

BENAVENTE—J. N. S. Carvalho.

PONTE DE LIMA—Gama, Amaral & Com.ª

COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1-2.ª

## AOS SRS. ASSIGNANTES

A todas as pessoas que nos fazem a honra da sua assignatura, quer em Lisboa quer fóra, pedimos a fides de communicar a esta administração qualquer falta que porventura se tenha dado ou venha a dar-se na distribuição da Revista «BRASIL-PORTUGAL» afim de ser promptamente remedida.

A dona de uma hospedaria encontra um dos seus hospedes aos beijos á filha.

— Aos beijos á minha filha! Diga-me já, senhor, quaes são as suas intenções?

— Não tornar mais, não tornar mais, minha senhora.

## ALMANACH DO «BRASIL-PORTUGAL»

Para 1901

Tem tido um acolhimento muito lisonjeiro para a nossa Revista, o almanach que estamos preparando para 1901. De todos os pontos do Brasil e do Reino nos enviam annuncios, quer para o texto quer para a secção respectiva. E os srs. annunciantes que queiram ainda fazer o, podem dirigir-se ás agencias do *Brasil-Portugal*, onde lhes serão fornecidos todos os esclarecimentos.

O *Almanach do Brasil-Portugal para 1901*, será, sob o ponto de vista artistico, uma verdadeira novidade. Mais de 350 gravuras, todas inéditas, ornamentarão as paginas, que, litteraria e artisticamente, constituirão uma verdadeira surpresa para os leitores. Algumas d'essas paginas serão a côres.

O *Almanach do Brasil-Portugal para 1901*,—do formato do almanach de 1900,—formará um volume de perto de 500 paginas, collaboradas pelos escriptores mais distinctos e pelos artistas mais afamados. A edição será toda feita em papel de luxo, mandado expressamente fabricar para ella. A sua tiragem attingirá 40 a 50.000 exemplares, o que reserva ao annunciante uma larga propaganda em todo o Brasil, como em Portugal, ilhas e Africa.

O *Almanach do Brasil-Portugal* será oferecido como brinde aos srs. assignantes da Revista *Brasil-Portugal*.

—O que é peor do que o agiota?  
 —O mau barbeiro, porque se aquelle nos tira a camisa, este tira-nos a pelle.

# Conselho d'Amigo...

## Os Vinhos de Adricino Ramos Pinto!

## A VINGANÇA DE FIGARO

... A doçana da velha era um typho. Matou-a em dez dias.

Suzanna deu-te os seus braços d'Achilles, apalhado, a chorar a enorme dor.

— E agora, disse ella! Fico sózinha no mundo, sózinha!

— Sósinha? E eu! Tem-me aqui a sua mãozinha, menina, disse Achilles em saber o que dizia.

— Não pôde ser... Temos que nos separar, já hoje...

— Separar! ora essa! Porquê?

— Então havíamos de viver juntos, sózinhos, o senhor um rapaz, e eu, uma rapariga...

Pela primeira vez Achilles pensava n'isso. Elle era um rapaz, e ella uma rapariga: era verdade!

E ficou calado, espantado com esta descoberta.

Ella, entretanto, fazia-se córada, e afastava a cabeça...

— Mas separarmo-nos é que nunca! disse por fim Achilles, estremecendo a idéa de se afastar de Suzanna para sempre.

— Então... balbucio ella...

— Então cazem, interrompeu a visinha, que incutira Achilles para hospede da viúva, e que assistia a este dialogo.

Oh! sr\* D. Luzia, balbucio muito vermelha Suzanna, minha mãe ainda está quente...

— Então, minha filha... Isto não é nada em desabano da sua memoria, pelo contrario, ella era amiga do sr. Achilles...

— Lá isso era, apoiou Suzanna.

Gobre santa! chorou Achilles atordoado com tudo o que estava passando.

— Elle é bom rapaz, e estou certo que a hade amar...

— Com todas as minhas forças, prometeu Achilles com uma valentia de minhoto.

— A menina gosta d'elle, não gosta?

Suzanna não respondeu, e estendeu a mão ao pobre rapaz.

Elle agarrou-lhe na mão e ficou como que idiota.

— Vamos lá... Está tudo tratado, hein? E eu venho para cá estes dias acompanhando-o, e em estando mais socegado, é tratar dos papeis... e casar, casar, que não de ser felizes... Eu serci madrinha...

Ficou tudo assim combinado, e quando Suzanna se foi deitar, Luzia ficando só com Achilles, de sentinella á morte, disse-lhes:

— Ande lá que lhe arranjar um bom casamento, uma rapariga bonita, prendada, e que tem de seu...

— Hein? exclamou Achilles, que não pensou um momento sequer em que para viver era necessario dinheiro.

— Tem, affirmou a D. Luzia... A mãe estava bem; era muito poupada e deixa um bom par de vintens, verá. E com o seu trabalho podemos arranjar muito bem... Faça-a feliz, sr. Achilles, que ella bem o merece, é uma jóia...

— Fique descançada, sr\* D. Luzia, se eu gosto tanto d'ella!

Passado um mez os dois casaram.

A D. Luzia tinha acertado, Suzanna herdou de sua mãe uns quatro contos de réis em inscripções, muito mais que D. Luzia imaginaria, e alguns valores em dinheiro e jóias antigas, que a mãe conservára cautelosamente, ás escondidas de todos, do seu tempo de certa opulencia.

A posse de tanto dinheiro, e de uma mulher tão bonita, quasi que deu volta ao miolo de Achilles.

D'um momento para o outro achava-se rico e feliz. A primeira coisa em que pensou foi em fugir do maldito bairro de Alfama e da casa do Castello, e procurar um sitio onde houvesse bom ar.

Foi sob este ponto de vista hygienico que elle procurou local para se estabelecer.

As ruas arrojadas e os amplos horizontes de Buenos-Ayres seduziram-n'o.

Pôz all a sua loja, reparando simplesmente nos ares e não pensando um minuto nos freguezes.

Alugou a sua loja, montou-a com todo o luxo de que é susceptivel um aprendiz de barbeiro de Valença, depois d'um tirocinio de oito dias em Alfama, e foi á intervenção illustrada de sua mulher no negocio, que deveu aquelle Hair Dresser, que elle nunca pôde comprehender o que significava, pintado como isca á colonia inglesa da Lapa, nas vidraças da sua loja.

Mas Achilles tinha uma paixão doída por sua mulher, uma paixão que começou de ordinario

quando os outros acabam, quando ella principiou a ser sua.

Nunca pensára sequer no amor nem sabia o que isso era: quando começou a saber-o achou que o amor era uma coisa deliciosa e pôz-se a amar sua mulher com toda a convicção ardente d'um amante apaixonado.

Queria estar sempre a vê-la, não queria afastar um minuto os seus olhos dos olhos d'ella, e por isso arranjou a sua casa defronte da sua loja; e a fazer a barba aos freguezes, a amolar as suas navalhas, e a fazer sempre os olhos pregados na janella onde sua mulher costurava n'uma grande elegancia de toilette, porque Achilles nada queria que lhe faltasse, satisfazia-lhe todas os caprichos de toilette, refreados no tempo de sua mãe.

E os quatro contos de réis iam dando para tudo isso, auxiliados pela receita, que Achilles tinha das barbas e dos cabelos da visinhaça.

\* \*

E está vidi deliciosa durava ha sete annos. Suzanna fizera-se uma formosissima mulher, n'aquella vida socegada, farta, de madua adorada; Achilles envelheceu um pouco com o trabalho rude, e com as preoccupações constantes do seu grande amor inflamável, mas estava forte, herculeo, tinha uma musculatura vigorosa de athleta, os braços cheios de veias grossas, repletas como as cordas d'um rabecão.

Ha um tempo a esta parte, porém, Achilles andava sobrio, carranco, e tinha uns momentos de ferocidade que deixavam a escor ter sangue as caras dos freguezes.

Esses momentos eram quando o passava pela rua um rapazote alto, desempenado, muito elegante, muito bem vestido, com suas luvas amarellas, muito reluzentes, com bisposnetos pretos, e um botão de rosa na mão, parecia sempre o mesmo.

Ha um tempo a esta parte, porém, Achilles andava sobrio, carranco, e tinha uns momentos de ferocidade que deixavam a escor ter sangue as caras dos freguezes.

Esses momentos eram quando o passava pela rua um rapazote alto, desempenado, muito elegante, muito bem vestido, com suas luvas amarellas, muito reluzentes, com bisposnetos pretos, e um botão de rosa na mão, parecia sempre o mesmo.

Ha um tempo a esta parte, porém, Achilles andava sobrio, carranco, e tinha uns momentos de ferocidade que deixavam a escor ter sangue as caras dos freguezes.

E sua mulher estava sempre á janella, a coser e por uma casualidade exquista levantava-se sempre, quando elle passava, e encostava-se ao parapeito.

O rapaz olhava para traz, e tornava a passar, e Achilles se estava a barbear algum desgraço do via logo uma nuvem de sangue, no seu espirito e nos bochechos do freguez; se estava a amolar, a navalha tinha vibrações estranhas sobre o rebollo, e elle amolava, amolava, no mau sentido preoccupador da palavra.

Com a casa começava a notar certa frieza em sua mulher. Era menos terna para elle, menos carinhosa. Achilles fazia esforços enormes para se dominar e para reaccender as horas ardentes de paixão a que d'antes se aquiecia. Numa d'essas horas, em que a ternura de sua mulher lhe excoitava para longe todas as nuvens que havia no céu da sua felicidade, Achilles sentia-se feliz e despreoccupado, parecia que tinham voltado os bellos tempos antigos.

Sua mulher, atagando-o docemente, disse-lhe rindo, passando-lhe a mão pela cara rapada, em que tuíavam apenas dos lados duas suissas rareadas e castanhas.

— Porque não deixas tu crescer o bigode? E' tão bonito, o bigode... Um bigode com guias, assim, levantadas?

Achilles empurrou violentamente Suzanna do seu colco. N'esse momento tivera tentações de a afogar.

E ficou sobrio para todo o resto da noite.

No dia seguinte, ás duas horas, o rapaz do bigode passou.

Achilles ao vê-lo ao longe, veio á porta com uns violentos desejos de o provocar.

O rapaz parou á porta da loja e entrou. Achilles afastou-se para elle entrar, assomborado.

— Faça-me a barba, ordenou elle serenamente, sentando-se na cadeira, e curvando-se um pouco, ao sentar-se para ill as janellas do segundo andar do predio fronteiro.

Achilles estava mudo de surpresa, pregado no seu logar.

— Faça-me a barba, não ouve! gritou impaciente o rapaz do bigode.

— Ah! sim senhor! respondeu rapidamente Achilles, como que acceordando um sonho e passando-lhe pelos labios um sorriso sinistro.

E começou a encher de sabão a cara do novo freguez.

— Depois, pôz-se a afiar a navalha...

— Você tem all defronte a visinha bem bonita! disse o rapaz, em tom alegre, intimo, que querendo travar conversação sem cerimonia, e procurando informações.

— Ah! tenho, sim senhor! respondeu o barbeiro, apertando convulsivamente a navalha na mão...

— E' bem bonita!... tornou o rapaz.

— E'... é, disse Achilles com um rir nervoso, e pegando no nariz do freguez com tal força, para começar a barbear, que o rapaz deu um grito.

— Maguei-o perguntou o barbeiro todo ceremonioso...

— Não era mau lembrar-se que não tenho nariz de cartão... disse o outro rindo-se.

Achilles não respondeu e começou a fazer a barba com um ar sinistro, terrivel.

Houve um silencio.

— Diga-me cá, e a visinha é solteira ou casada?

— Não sei, respondeu seccamente o barbeiro.

— Ella tem uns ares um pouco equivocos, continuou o rapaz do bigode: não pareceu ler d'uma serieid... AI!

E levou o penteador á cara e trouxe-o cheio de sangue. A navalha fizera-lhe um grande lenho.

— Queira desculpar... V. s. não está quieto com a cabeça.

— Você pôz-me a cara em sangue, veja lá como faz isso.

E Achilles trouxe outra navalha.

— Esta sim, corta que é um gosto, disse o barbeiro com um ar singular, era capaz de lhe cortar o pescoço sem o senhor ter tempo de dizer: ai!

O rapaz olhou espantado para o barbeiro. Mas Achilles sorria da sua facecia com uns ares bonacheiros.

— Bem, vamos a isto que tenho pressa, disse o rapaz tranquilisado com a bonhomia e simplicidade da cara do barbeiro.

Novo silencio.

— Quer escanhoadá?

— Sim, bem escanhoadá... Mas vamos lá, você podia-me fazer uma coisa?

— O que é?

— Alugar-me a sua janella?

— A janella? para quê?

— Cá para uma coisa...

— Ah! já percebo, a visinha... tornou Achilles com um sorriso terrivel que queria transformar n'uma gargalhada jovial.

— Exactamente. Basta-me por tres dias.

— Tres dias só?

— Sim.

— Porque?

— Depois não preciso... D'aquei a tres dias estou eu lá em casa.

A cara de Achilles fez-se escarlate. Todo o sangue lhe affluia ao cerebro. As veias grossas dos braços seus, tremaram como um rabecão n'um pífirico; a navalha nos seus dedos hirtos e nervosos, teve um giro vertiginoso, o phantastico, e o rapaz do bigode soltou um grito terrivel.

— Ah! que faz você!

No braço panninho da barba, penunçaram os cabellos louros de metade do bigode do freguez.

— Fuja! fuja! que eu costume ter isto! gritou Achilles com os olhos a saírem da cara. São ataques de loucura...

O rapaz atterado, fugiu para a porta, convulso, espavorido, todo a tremer, e só com veio bigode.

Da janella defronte ouviu-se uma gargalhada estrepitosa.

Como um echo respondeu-lhe de dentro da loja uma risada estridente do barbeiro, que apontava para elle com um soberbo ar de troça.

O rapaz, vendido, desatou a correr, e nunca mais appareceu na rua.

Achilles deixou crescer o bigode!

GERVASIO LOBATO.

— O' mamã, o sr. Arthur é alfayate? perguntou Bébé.

— Não, menino. Porquê?

— Porque estava bontem a tirar a medida á cintura da mana.

A um logista, que tinha a alcunha de *Patifeiro*, perguntava uma fregueza porque é que lhe tinham dado esse nome.

— E' para me distinguir dos meus concorrentes, que são todos uns grandes patifes.

## TAUROMACHIA

A praça d'Algés nos annos anteriores deu espectaculos por tal fórma organizados que ficou desacreditada, mas na actual época teve a felicidade de encontrar empresarios experientes e entendidos no assumpto, e que, perdendo algum dinheiro, conseguiram fazel-a recuperar o credito perdido.

Assim, as corridas que ultimamente foram dadas n'aquelle redondez começaram já a ter uma concorrência desusada.

A' toureira ali promovida pelo cavalleiro Simões Serra não assistimos, mas soubemos que quasi todos os logares estavam cheios e que o espectáculo em geral agradou.

Correram-se touros do ganadero santense Faustino da Gama, e do lavrador de Santa Eulalia (Alentejo), commendador Lobão Rasquilha.

Os primeiros eram já corridos e por isso lembraram-se de tudo quanto lhes fizeram na terra que soffreram em bezeros, e no mais que se lhes seguiu quando foram lidados depois; os segundos, que procedem d'um touro adquirido ao celebre ganadero José Pereira Paiva Blanco, demonstraram esmero no tratamento e nos assomos de bravura.

Fernando d'Oliveira teve de se entender a sós com um dos de Gama, que sabia mais do toureiro do que qualquer parcho sabe de latim e que por isso, sem soltar syllabadas, perdão, sem fazer viúgens inúteis, só se acercou ao cavallo quando viu que podia tocar-o. Fernando de Oliveira é que não se commoveu nem se intimidou com a manha do corrupto, e desenvolvendo toda a sua sabedoria, que é immensa, assou o morrillo do animal com umas farpas postas divinalmente.

Serra e Joaquim Alves, que são dois maestros em equitação, demonstraram um pessimo gosto em buscar os touros sempre pelo trazeiro, porque só sahiram á meia volta.

A gente de pé não esteve trabalhadora e tambem não foi applaudida senão em poucas occasiões, exceptuando Manoel dos Santos, que foi o heroe da tarde, o Francisco Cruz e o Thomaz da Rocha com os arponçollos.

— A praça d'Algés teve em 5 do corrente uma nova enchente a trabsardar, realisando-se este milagre por ser aquelle o dia da festa dos estimados bandariheiros Torres Branco e Minoel dos Santos cujos retratos damos n'este numero.



A corrida não foi afinal tão boa quanto poderia ter sido, se o gado do sr. D. Caetano de Bragança (Lafões) fosse mais equal no resultado da lide.

Tambem não eram eguaes em corpos os aristocraticos bichos de D. Gaetano, que se furtaram de saltar as taboas durante a tarde, assustando os vendedores de agua fresca e pastelinhos, que tiveram um prejuizo grande em copos e bilhas quebradas. Haviam alguns que nem se serviam das mãos para segurar-se á barreira e formar o salto quando perseguidos, pois atiravam-se de cabeça á arena com a bagagem toda.

Foi esta a parte comica da funcção e emquanto á parte séria vamos referir-nos em primeiro lugar ao trabalho magistral de Fernando d'Oliveira, que esteve superior sob todos os conceitos. Joaquim Alves esteve tambem superior... em equita.ão

A gente portugueza, bem que nos peze dizel-o, não andou tão feliz e tão maestra como na toureira em beneficio de Raphael Peixinho, porque, por momentos, esteve indiceisa na fórma de lide que devia dar aos touros com o percal.

José Martins foi d'entre todos o menos ignorante n'este serviço, e Torres Branco coadjuvando o trasteo de Manoel dos Santos n'um dos da Azumbia. Este diestro foi pouco feliz, porque n'uma sorte leveu uma fortissima picada que a outro qualquer obrigaria a ir logo para a enfer-

maria, mas Santos, com muita coragem, continuou na lide e deixou bons pares curtando e trocando a viagem.

No entanto a lide com bandarihas executada por Torres foi mais luzida, tendo tambem alguns bons pares de Thomaz Rocha e outros quatro de palmo postos no ultimo cornu-peito, sendo dois d'este artista e dois de Silvestre Calabaça.

O açoreano Francisco Cruz fez tres quietos, sendo colhido no ultimo, porque se collocaram atraz d'elle tres ignorantes flamejando os capotos.

Esquecia-nos dizer que o amador João Marcellino farpou um touro com mais valentia do que sorte.

No intervallo da corrida vieram os benedictos á arena receber uma infinidade de brindes, alguns de grande valor, não cessando de cahir sobre amos, durante a tarde, uma chuva de flores.

— A empreza do Campo Pequeno, querendo dar-nos bons toureiros hespanhols, já que não pôde contractar os que teem alternativa, por teem todos os domingos tomados, contractou no dia 12 do corrente os dois matadores de novillos *Algabeito* e *Gallito*, que actualmente estão muito bem cotados em Hespanha.

Porém, os touros que lhes largaram, pertencente ao ganadero sr. Luiz Patricio, não deram ensejo a que os rapazes brilhassem, sendo portanto o espectáculo enfadonho e aborrecido.

Os dois cavalleiros Fernando Ricardo e o amador José Cazimiro resentiram-se naturalmente da má qualidade do gado, e por isso nada fizeram digno de menção.

Os forçados desmandaram-se ao pegar de cernelha o 2.º touro, porque desataram ao socco e á dentada uns aos outros, ficando no final tudo em bem.

A quinzena tauromachica fechou com uma corrida que se deu hontem na praça do Barreiro com o concurso dos dois Cazimiro, pae e filho e dos nossos principaes toreritos de pé, que se entenderam com lo bois da Companhia das Lezirias do Tejo e Sado.

Lisboa, 16 d'agosto de 1900.

E. d'A.



FABRICA: Rua de S. Christovão N° 129

DEPOSITO E ESCRITORIO: Rua da Constituição, N° 3  
TELEPHONE N° 185

N'ESTA grande e acreditada fabrica encontra-se uma collecção a mais completa e variada de moveis solidos e elegantemente construidos, das mais bellas e preciosas madeiras do paiz.

A fabrica, que sem contestação é uma das primeiras do nosso paiz, n'este genero encarrega-se da factura de mobílias completas, moveis avulsos ou quaesquer outros

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegancia e solidez; encarregando-se tambem de remetter para os Estados ás encomendas acondicionadas com todas as cautellas.

A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de marcenaria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeicoamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com segurança o que melhor lhes convenha antes de se munirem de moveis de outra procedencia.

# O CARTAZ DA QUINZENA



Grandes feras theatraes este mez O calor, a fuga para o campo e para as praias, os longos ensaios das peças a constituir o repertorio de inverno, a viagem dos artistas que em varias troupes percorrem as provincias, marcam um longo intervalo artistico no meio theatro. O unico theatro que até hoje esteve aberto foi o da

**Rua dos Condes,** que representou até a última noite, a penultima revista do anno, de Eduardo Schwabach, *Agulhas e Alfinetes*, refundida e augmentada, nas scenas e nos episodios como no titulo, por isso que agora estava elle accentuado de: *dedaes e outras cousas mais...* Agora lá vai partir tambem em digressão pelo norte, esta companhia de verão.

**Príncipe Real.** — Inaugura amanhã n'este theatro, uma serie de espectaculos, a nova sociedade artistica do actor Alfredo de Carvalho, o comico por excellencia. Representa-se a Som-

bra do Rei, uma magica de Jacobetty, dada em reprise. A musica é do maestro Rio de Carvalho. Tem estes quadros:

- 1.º Um reino que foi.
- 2.º De noite... no parque.
- 3.º A gruta dos namorados.
- 4.º No paiz dos Annexins.
- 5.º A adega dos frades.
- 6.º A lucta dos genios.
- 7.º A taça d'ouro.
- 8.º No Parnaso.
- 9.º A gruta do esquecimento.
- 10.º Metamorphose.
- 11.º Enlace... desenlace.

Os personagens são os seguintes:

Troca Tintas, Regente do Reino da Penuria.....	Alfredo Carvalho
Príncipe Gimbrante, successor ao throno.....	Encarnação Reis
A Sombra do Rei Theotónio	A. Bramão
Dama Transcendente.....	Alidá Bouvier
Genio do Amor.....	Isabel Pereira
Rosinda, jardineira.....	Laura Ferreira
Raymundo, jardineiro.....	A. Miranda
Proverbio, Soberano do reino dos Annexins.....	J. Barros
Prologo, filho d'este.....	Castello Branco
Sentença, encarregada da pasta da fazenda.....	Claudina
Frei Gangrião.....	Holtremann
Frei Pancrácio.....	Amaral
Frei Thomé.....	Sequeira
Apollo.....	Miranda
Thetis.....	Julia da Graça

Aurora.....	Alidá
Baccho.....	Luz
Quadra.....	Claudina
Exdrulxo.....	Barros
Soneto Realista.....	Amaral
Verso Coxo.....	Caetano Reis
Verso Palmito.....	Almeida
D. Francisca.....	Maria Soares
Decima.....	Amelia
Holtremann.....	Holtremann
Polidoro.....	Amaral
Polypheno.....	Sequeira
Nigromantica.....	Maria Soares
1.º Fidalgo.....	Sequeira
2.º ".....	Almeida

Fidalgos, Damas, Annexins, Phrases, Sentenças, Frades, Genios, Musas, Versos, Rythmas, etc.

**Colyseu dos Recreios.** — Reabre a 15 de setembro com uma companhia equestre que trabalhará dois mezes. Substitui-la-há depois uma companhia de opera lyrica que se demorará outros tantos mezes, voltando a seguir novamente uma outra companhia acrobatica.

## TOURADAS

Prepara-se para a tarde de domingo 3o de setembro, uma corrida excepcional em uma das praças de Lisboa, tourada rigorosamente á açoriana. Os touros são da Ilha Terceira, o pastor, os cabrestos e o cão de fila são ainda insulanos e até de Angra, virá um bandarilheiro Luiz Machado d'Avila (Gamario).  
Por hoje mais nada.



## ANTONIO DO COUTO

ALFAIATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa e Provincias do Continente

Sempre as ultimas novidades

RUA DO ALECRIM 111, 1.º

LISBOA

Este magnifico hotel, situado no melhor logar das Caldas do Gerez, e construído de proposito para o fim a que se dedica, possui além das magnificas commodidades e bom serviço, um excellente parque com jardim, bosques com arvores de boas sombras cascatas, nascentes de finissima e deliciosa agua potavel, grande salão recreativo, offerecendo assim aos seus hospedes uma distração como não tem nenhum outro hotel no paiz.

Qualquer correspondencia póde ser dirigida á sua proprietaria e directora.

NO GEREZ  
**Maria N. M. Salgado**  
EM LISBOA  
**Casa dos Oito Globos**

RUA AUGUSTA, 286





**Bilhares de precisão**

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA

**MONARCH**

Pannos, Tacos, Bolas e todas as accessorias

Jogos diversos de novidade—Cartas  
Tentos e Fixas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Senna

28 — Rua Nova do Almada — 28

CASA FUNDADA EM 1864

LISBOA

Peçam o catalogo illustrado

**COMPAGNIE**  
des Messageries Maritimes  
Paquebots post français  
LIGNE TRANSATLANTIQUE



Para Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio  
de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

Para passageiros de 3.ª classe tra-  
ta-se com José Antunes dos Santos &  
C.ª, 4, Praça dos Homens Mortos.

Para carga, passageiros e todas as  
informações, trata-se na agencia da  
Compagnie, Rua Azevedo, 32.

Pela Companhia des Messageries  
Maritimes

Soc. Torlonia.

**Dr. Oscar Leal.** — Especialista em doenças da boca, collocação de dentes e correção das deformidades nasaeas. Consultorio de 1.ª ordem á  
**RUA DO CARMO, 35, 1.º**  
(CHIADO)

Livraria moderna **PEREIRA & SILVA**  
**PARA** — R. Cons.ª João Alfredo, 25  
Lectura amena  
Sortimento completo de livros de  
litteratura, direito, instrucção, etc.  
**PREFERENCIAS DE ESCRITORIO**  
Preços sem competencia.  
Endereço telegraphico Moderna.

**Ao Bazar da Industria**

**TAVEIRA BARBOZA & C.ª**

**L. CONSELHEIRO JOAO ALFARDO, 42** — Caixa Postal n.º 487 — BRASIL — PARA

Completo sortimento de artigos para escriptoria, papelerias, livros sem bruno, chapéus, bermudas, meias para viagem, Realizes. Caixas de escritorio. Roupas feitas, pormenares, brinquedos. Camisas de viagem, bisnãos, artigos para presentes.

**GRAND RAYON DE MIUDEZAS**

O sistema de vender tudo em pouco lucro é applicado no Bazar da Industria.

Vendas por atacado e a retalho

**SANTOS & MAGALHÃES**

**PAPELARIA E TYPOGRAPHIA**

ARTIGOS DE ESCRITORIO

Trabalhos typographicos em todos os generos

OFFICINA A VAPOR

10-RUA DA PRATA-12

← LISBOA →



**Fabrica**  
**Confiança**

**R. CUNHA & C.ª**

145, RUA DE SANTA CATHARINA, 155

**POT O**

Breve e applicada exportação para os Estados Unidos do Brasil e Africa

De camisas, ceroulas e todos os artigos  
de roupa branca para homens, senhoras e creanças

Sortido completo e permanente

Execução rapida e aprimorada de qualquer encomenda

E' a maior e mais notavel fabrica de roupas  
brancas da peninsula

Premiada com medallas de ouro nas exposições a que tem concorrido

Endereço telegraphico — **CONFIANÇA**

**MAISON NOUVELLE**



**MAISON NOUVELLE**

Modas e Confeccões  
Com atelier de vestidos e alfayate

← **ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO** →

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa

PROVAE OS DELICIOSOS  
**VINHOS DO PORTO**  
DE  
Constaprio Almeida



**AGENCIA CENTRAL**

DE

**JOSÉ LOPES PEREIRA**

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão,  
de predios, titulos das dividas pu-  
blicas, geraes e do Estado, terrenos,  
acções de Bancos e Companhias,  
Cambios, Hypothecas, etc., etc.;  
assim como recebe ordens para fazer  
leilões em casas commerciaes, par-  
ticulares e em sua agencia

á Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 346

**Castro Matta & Irmão**

**CASA IMPORTADORA**

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites  
**Portuguezes**

ENDER. TELEGR. — Aida

C. do Corrello 212

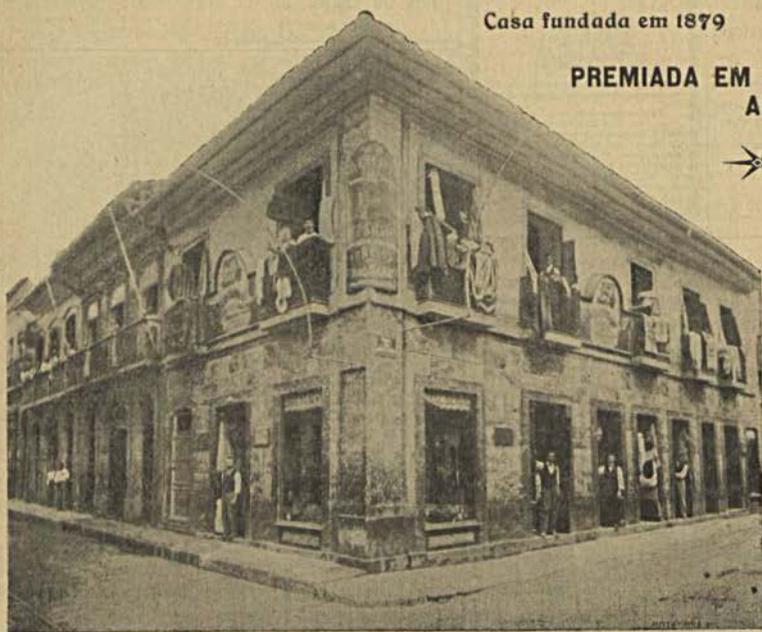
R. 15 de Noyembro, 16

**PARÁ**

# JOSE SILVA & C<sup>A</sup>

Casa fundada em 1879

PREMIADA EM TODAS  
AS EXPOSIÇÕES



Casa matriz — RIO

CASA FILIAL

Rua Florencio d'Abreu, 34

S PAULO



Casa matriz e fabrica

RUA DA QUITANDA, 123 A

R. de S. Pedro

31, 32 e 42

RIO DE JANEIRO

Unico estabelecimento  
no Rio de Janeiro com officinas  
para fabrico  
de arreios de qualquer qualidade



COUROS, ARREIOS E ARTIGOS  
PARA VIAGEM



Importação de couros,  
e de todos  
os artigos para selleiros,  
correeiros, segeiros  
e sapateiros



Casa filial — S. PAULO



# GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

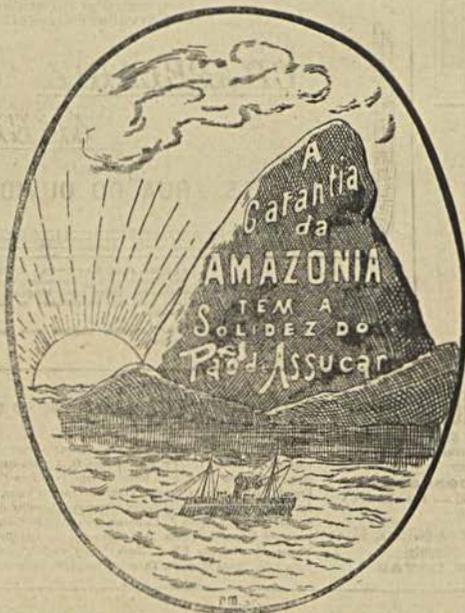
Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263:000\$000

Seguros realizados em vigor.....	50.297:000\$000	↑	Reserva de re-seguro .....	2.601:265\$577
Novos seguros propostos em 1899 .....	24.454:000\$000	↑	Sobras-Garantia suplementar .....	491:282\$804
Seguros aceites em 1899.....	20.893:000\$000	↑	Valor actual sobre o valor nominal de titulos e predios que possui.....	200:000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899.....	3.556:000\$000	↓	Sinistros pagos até esta data.....	1.028:000\$000
Renda em 1899 .....	3.423:548\$128			

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL :

“Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correccção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encómio que aqui registrassemos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a attenção para o facto de que:

“Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço”.

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

## ✧ GARANTIA DA AMAZONIA ✧

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitães mais bem empregados, possui maiores reservas e realisa maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL

# A Formosa Paraense



Estabelecimento de mo-  
das e modas, com

**Importação**

directa dos mercados eu-  
ropeus.

Fundado em 1864

**Corrêa Miranda & C.<sup>a</sup>**

R. Conselheiro João Alfredo, 67

**PARÁ.**

# Regulador da Madre, Beirão

Approvado pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

*Para doenças proprias das senhoras. Regularisa os fluxos mensaes, quando escassos ou excessivos e allivia as penosas dôres, que quasi sempre os acompanham. Recomenda-se tambem como excellente calmante nos accessos nervosos e hystericos que frequentemente procedem ou acompanham os periodos mensaes.*

DEPOSITO

**DROGARIA BEIRÃO**

DE

**CARVALHO LEITE & C.<sup>a</sup>**

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

**PARÁ**

# Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

**Montenegro Ferreira & C.<sup>a</sup>**

Successores da antiga casa

**RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.<sup>a</sup>**

Fundada em 1830, e que tem a sua sede no

**PARÁ, Boulevard da Republica, 44**

FILIAL EM MANAÓS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos do Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrae o **Vinho Ventura**, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescencias, nas digestões difficilias, enfraquecimentos, etc.

Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

**Vinho VENTURA**

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

# Elixir Anti-Epidermico Beirão

Approvado pela Inspectoria de Hygiene

do PARÁ

Preservativo e curativo da febre amarella, cholera, febres intermittentes, bexigas, typho, dysenteria, béríbéri e influenza

Nenhum viajante e todos os que comprehenderem a necessidade da conservação da saude pelos meios hygienicos, e antisepiticos devem internar-se nas florestas ou percorrer as regiões inexploradas em grande parte miasmaticas, sem mnir-se de alguns vidrinhos, do **Elixir anti-epidermico Beirão**, é a mais segura garantia da conservação da vida e da saude: levam consigo a certeza de regressarem milagrosamente salvos ao seio da familia, o que infelizmente não acontece a centenas de imprudentes que não tomam esta acertada e simples medida preventiva. As pessoas adultas que no estado de boa saude tomarem todas as manhãs e todas as noites uma colher de sopa do **Elixir anti-epidermico Beirão** estão isentas das graves molestias endemicas produzidas pelos fermentos miasmaticos, e particularmente das febres intermittentes, febre amarella, bexigas, cholera asiatico, vomito preto, typho dysenteria, pustula maligna, escarlatina, croup, béríbéri e influenza.

Indispensavel aos recom-ehogados, deposito

DROGARIA BEIRÃO

DE

**CARVALHO LEITE & C.<sup>a</sup>**

103, Rua do Conselheiro João Alfredo, 103—PARÁ

## Banco Norte do Brasil

Endereço telegraphico "NORTHER XL" PARÁ — Telephone n.º 239

Capital realisado Réis 3.000:000\$000

Fundo de reserva Rs. 349:400\$550

Pará—R. 15 de Novembro, n.º 59

### CORRESPONDENTES

NO PAIZ

Rio de Janeiro  
Bahia  
Pernambuco  
Ceará  
Maranhão  
Mauós

NO ESTRANGEIRO

Londres  
Paris  
Lisboa  
Porto  
Genova  
New-York

Emitte cartas de credito, e sacca sobre as praças acima e tambem sacca sobre Hamburgo e todas as cidades e villas importantes de Portugal, Hespanha e Italia.

Encarrega-se de cobrança de letras e remessa do producto, assim como faz todos os mais negocios bancarios.

## BANCO

DA

## PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL



Fundado em 1858 em Porto Alegre, Capital do E. do Rio Grande do Sul

CAPITAL SUBSCRIPTO 5.000:000\$000

Capital realisado..... 2.600:000\$000

Fundo de reserva, em 30 de Junho 1899. 4.100:000\$000

Lucros suspensos e especiaes, idem.... 1.200:000\$000

Faz todas as operações bancarias, inclusive cambias, em sua sede e nas suas filiaes estabelecidas nas praças do Rio Grande e Pelotas, com os seus correspondentes em todas as praças da Confederação dos Estados Unidos do Brasil, do Prata e com os Paizes d'Europa e America.

### Directores

A. B. Torres, Manoel Carvalho de Geste, João Custodio Pinto

## Salsa, Tayuyá e Mururé Beirão

*Soberano depurativo do sangue*

Approvada pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças originarias do sangue viciado, diferentes manifestações da syphilis, reumatismo, gotta, cancros, escrophulas, tumores, boubas, ulceras de mau caracter no collo do utero e garganta, inchação nas pernas, molestias da pelle, epigens, dartsos, escoriações, granulações no rosto, vegetações e blehorragias agudas ou chronicas, dores steocopas e neuralgicas, inflammações visceraes de olhos, ouvidos, nariz, garganta e intestinos, e nas doenças determinadas por saturação mercurial.

### A SALSAL TAYUYÁ E MURURÉ

Demanda muito pouco resguardo e pôde ser usada sem que a pessoa interrompa suas occupações; apenas se deve evitar as comidas salgadas e gordurosas e o uso de bebidas alcoolicas.

DEPOSITO — Drogaria Beirão

DE

Carvalho Leite & C.º

103, RUA CONSULHEIRO JOÃO ALFREDO, 103

PARÁ

## HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispendo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e higienicas.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Vensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a instalar-se no

## HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico MAREIRO

**ALVES DINIZ & IRMÃO**

R. DE S. JULIÃO, 92 a 103

Negociantes de generos colonias

Consumo e reexportação

Tambem recebem consignações de conta alheia.

**Copeda, G. da Rosa & Dias**

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

36—Travessa de S. Mathews—36

PARÁ

**GRANDE ARMAZEM**

DE

**MOVEIS**

Na antiga casa Botelho & C.ª Successores encontra-se sempre um variado sortido de mobilias em todas as madeiras e grande quantidade de moveis avulsos. A maxima seguida pelo seu proprietario é, vender barato para vender muito e por isso o comprador póde sortir-se sem receio de ser explorado.

97, Rua D. Pedro, 101



Os mais utilidades de Portugal

Uso interno — Estomago, gota, reumatismo articular, diabetes.  
Uso externo — Rheumatismo, gota, sciatica, DOENÇAS UTERINAS, etc.

PORTO

HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

1, Rua das Flores — Largo do Quintella  
Este hotel, situado no parte mais central da cidade, é de primeira classe e composto de uma casa

**HOTELS E CASINO**

Instalações as mais confortaveis e completas de Portugal

ESTABELECIMENTO ABRE EM 15 DE MAIO E FECHA EM 15 DE OUTUBRO

Correspondencia:

GERENTE — **CUCOS**  
TORRES VEGAS

**Licor de café Beirão**

Approvado pela illustrada Inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro e Estado do Pará

**Celebre remedio contra sezões****Sempre certo!!! Sempre efficaz!!!**

O CAFÉ BEIRÃO, ao que se sabe, começou a fazer a sua reputação sózinho, em silencio, sem arruado, até que com os seus proprios merecimentos tendo adquirido uma grande reputação, a sua fama fez echo na imprensa, porque as pessoas curadas quizeram fazer publico o seu reconhecimento, pois a saúde é o melhor dos bens que o céu nos póde conceder.

O CAFÉ BEIRÃO cura as febres graves agudas, febres palustres, typhos, febre biliosa, cerebral, febres chronicas, endemias e contagiosas, febre lenta, nervosa, febre depois do parto ou puerperal, febre proveniente de golpes, queimaduras do sol ou do fogo, de bezigas, sarampo, etc., etc.

O CAFÉ BEIRÃO VERDADEIRO cura as febres intermittentes, malicias ou sezões, tão radicalmente, com tal promptidão e sem recalhadas, que hoje a sua fama de **santo remedio Beirão** é universal.

DEPOSITO

**Drogaria Beirão**

DE

**Carvalho, Leite & C.ª**

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ

**LA BÉGARRE****F. CARNEIRO & C.ª****PAPELARIA E TYPOGRAPHIA**

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertences de escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todas os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49—LISBOA.

Populatria  
TYPOGRAPHIA ACADEMICA  
de  
Galizes e papel  
L. P. BOUTIER LISBOA  
35, P. de Bacalhoa, 7  
PORTO

**LA UNION Y EL PENIX ESPAÑOL**

Capital social 2.000.000.000 rs.

15.000.000.000 REIS

De dividendos pagos desde 1864 até 1905

PREMIOS E RESERVAS 5.000.000.000

Seguros contra incendio, explosão de gas ou raios

**Equateur Atlantique & Union Maritime**

Companhias francezas contra os riscos maritimos e riscos de Transporte de qualquer natureza.

Directores — *Louis Meyer & Filhos*

LISBOA — Rua da Prata, 29, 2.ª

**MANOEL CANICEIRO DA COSTA**

CARPINTERIA E SERRARIA A VAPOR

**O mais antigo estabelecimento do norte do Brazil**

Foi fundado em 1870

Promptidão, rapidez e modicidade de preços

**Grande Deposito** De materias para construção civil e naval**RUA DA INDUSTRIA, 124—PARÁ**

# VUVA WENCESLAU GUIMARÃES & C.<sup>a</sup>

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau Rio

Caixa do correio

N.<sup>o</sup> 272

R. da Alfandega, 83

RIO DE JANEIRO



**AGUAS DE CARABANA**

PURGATIVAS SEM IRRITAR, DEPURATIVAS, ANTI-DIARRICAS, ANTI-HEPATICAS E ANTI-ESCROPHILOSAS

12 MEDALHAS D'OURO e 10 DIPLOMAS D'HONRA

Todos as garrafas levam sul rotulo com a firma dos unicos depositarios para Portugal libras e oitavo

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Depositar: **RIBEIRO DA COSTA & C.<sup>a</sup>**  
150, Rua do Arsenal, 152—LISBOA

**SALOES E QUARTOS MOBILADOS PARA FAMILIAS**



**BANHOS Quentes e Frios**

Este estabelecimento de primeira ordem, situado no centro de todos os passeios e linhas de bonás, recommenda-se pela exactidão do seu serviço, acio, modicidade em preços e cozinha franceza



**HOTEL**  
**SUL-AMERICANO**

BAHIA-BRASIL

PROPRIETARIO

Antonio T. Alves

**Companhia Geral de Credito Predial Portuguez**

LISBOA—L. de Santo Antonio da Sé, 19

Emprestimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo —juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 % e commissão de 1/2 % de 1 a 9 annos. Depósitos: acceptam-se a prazo ou á ordem, vencendo a 1/2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2 ao anno. Propriedades: a Companhia tem scultas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia

**Atelier-Photo-Chimico-Graphico**

P. MARINHO & C.<sup>a</sup>—Rua de S. Paulo, 216, 2.<sup>a</sup>—LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos de paz, em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

# Manteiga Burnay

Aviso aos entendedores e ás donas de casas

Para fazer Boa Cozinha

É preciso  
boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

Á venda  
em todas as principais  
mercarias de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

285, Rua dos Fanqueiros—LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.<sup>a</sup>—R. da Prata, 282 a 288, Lisboa.  
Jeronymo Martins & F.<sup>a</sup>—R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.  
José Alfonso Vianna & C.<sup>a</sup>—Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.  
R. D. de Campos—R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.  
Alves Diniz, Irmãos & C.<sup>a</sup>—R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.  
Seb. Corrêa Saraiva Lima—R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.



**Agencia Financial**

DE

**PORTUGAL**

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

**Saques sobre Portugal**

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitais de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

**O agente Financeiro**

**ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.**